

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO PARANÁ
CENTRO DE CIÊNCIAS BIOMÉDICAS E DA SAÚDE
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM PSICOLOGIA ANALÍTICA

O BEM E O MAL NA CORRESPONDÊNCIA DE CARL GUSTAV JUNG

CURITIBA

MARÇO DE 2006

PAULO COSTA DE SOUZA

O BEM E O MAL NA CORRESPONDÊNCIA DE CARL GUSTAV JUNG

Monografia apresentada à Pontifícia Universidade Católica do Paraná no curso de especialização em Psicologia Analítica como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Psicologia Analítica sob a orientação do professor Armando de Oliveira e Silva.

CURITIBA

MARÇO DE 2006

Dedico este trabalho à minha família:

Tania,

Raquel,

Silvia,

e a quem me inspirou: A. Miguel

Agradeço às quatro figuras humanas que deram suporte ao meu desenvolvimento:
Otávio Alves da Costa, meu avô... Sem palavras...
Paulo A. R. Terra, pelo carinho e paciência com os quais mostrou o caminho da retidão...
Benjamin A. R. Terra, por mostrar os dois lados da moeda de uma maneira lúdica e inteligente e, apresentar-me à obra de Jung...
Carlos A. S. Lieberenz, por último, mas não por fim, companheiro leal desta longa caminhada...

Agradeço aos estudiosos de Jung em Curitiba, mas preciso destacar alguns:
Juliano M. Amui, me recebeu de braços abertos no seu grupo;
Letícia M. Capriotti, sempre disponível e amável;
Jussara M. J. Carvalho, com graça e leveza conduziu a coordenação da pós e permitiu a criatividade;
Renata C. Wenth, Mãe-Terra carinhosa no lidar com as plantas e
Andrea A. Lima, companheira fundamental desta etapa.

Um agradecimento especial ao colega Armando de O. e Silva, além de meu querido orientador, uma figura de referência para os estudos de Jung no estado dos pinhais.

Entre os dois, eu sentia-me pequeno e miserando,
Vibrando todo, tumultuando, soluçando,
Com olhos meigos, lábios torpes - indeciso
Entre um inferno e um paraíso!

RÉGIO, 1984, pág. 15.

RESUMO

No início da monografia, nove definições de conceitos empíricos - que aparecem constantemente e repetidamente na obra de Jung - foram inseridas com o intuito de esclarecer e nortear o leitor não muito familiarizado com a leitura da obra do grande pensador suíço. As explicações sucintas e não tão abrangentes são apoiadas por citações de autores junguianos, com a finalidade básica de mostrar como seus discípulos e seguidores interpretaram sua obra tão complexa.

Um pequeno histórico será apresentado para que o leitor tenha uma idéia da evolução do tema da monografia na obra de Jung.

O trabalho começou com um levantamento de toda citação sobre o bem e o mal na correspondência de Jung. De cada carta, além de trechos onde estão citadas as palavras bem e mal, selecionou-se trechos com material relevante ao assunto em pauta. Cada trecho selecionado é devidamente comentado, mas sempre o material de Carl Jung é preponderante. No início deste capítulo há uma tabela onde constam: o volume das cartas de Jung, a página onde encontrá-las, a data da missiva e o destinatário, com a data de seu nascimento e morte, nacionalidade e ocupação principal. Os dados que estão faltando não foram informados nos livros correspondentes.

Para uma pequena complementação do que foi dito na correspondência selecionou-se e comentou-se alguns trechos do artigo de Jung intitulado "O bem e o mal na psicologia analítica", contido no volume XI das Obras Completas.

A conclusão do trabalho se inicia com um resumo do que foi dito por Jung sobre o bem e o mal na sua correspondência. O resumo está numerado, não necessariamente em ordem cronológica, mas agrupado e compactado para evitar repetições desnecessárias.

Para finalizar, o autor acrescenta sua contribuição sobre o posicionamento de Jung e tenta dar um encadeamento a sua abordagem, frente a uma problemática tão complexa. Um destaque foi dado as duas abordagens que Jung dava ao mal, uma como mito-arquetípica e outra como histórica. Outro destaque foi dado à Trindade e ao simbolismo que ela gera como ao 'três' instável e a busca do 'quatro' representante da totalidade, que está longe de significar perfeição. Jung coloca o trinitário e o quatêrnio como fenômeno humano e a negação do sombrio que está no quatro como um problema a ser solucionado.

Sem a pretensão de esgotar o assunto o desejo é levantar questões para que o tema do bem e do mal continue a ser debatido com seriedade, vigor e entusiasmo.

SUMÁRIO

Resumo	pág. 06
1 Introdução	pág. 08
2 Conceitos junguianos	pág. 10
2.01 Conceito básico de Consciente e de Inconsciente	pág. 11
2.02 Conceito básico de Sombra	pág. 12
2.03 Conceito básico de Projeção	pág. 14
2.04 Conceito básico de Persona	pág. 16
2.05 Conceito básico de Complexo	pág. 18
2.06 Conceito básico de Arquétipo	pág. 19
2.07 Conceito básico de Anima e Animus	pág. 21
2.08 Conceito básico de Self	pág. 22
2.09 Conceito básico de Individuação	pág. 24
3 O bem e o mal na visão de Jung	pág. 27
4 O bem e o mal nas cartas de Jung	pág. 31
5 Um único artigo em duplicata	pág. 49
6 Conclusão	pág. 53
7 Referências	pág. 60

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho aborda um tema crucial tanto em filosofia e religião, quanto em psicologia profunda. O tema do bem e do mal já foi debatido inúmeras vezes por religiosos e filósofos e outras tantas por psicólogos, mas está longe de ter se esgotado.

A abordagem principal nesta monografia será feita através da correspondência de Jung. Nela foi pesquisado o que ele escreveu sobre o tema 'do bem e do mal' nos três volumes da edição em português. O levantamento será complementado pelo único artigo que Jung escreveu com este título, ou seja, o bem e o mal.

Para iniciar o trabalho optou-se pela apresentação de uma explanação sucinta dos termos básicos da 'psicologia analítica ou complexa' visando auxiliar o leitor não tão familiarizado com o assunto. Esta estratégia facilitará, também, o desenvolvimento das idéias específicas sem a necessidade de interrupções para explicação de certos termos, nem a colocação de extensas notas de rodapé. Não será dado nenhum destaque especial ou explicação mais abrangente para termos específicos, por julgar-se que o fundamental e importante na obra de Jung é o conjunto de idéias, que na realidade não chegam a se constituir em grande novidade e modernidade. No entender do autor, a genialidade de Jung foi mais por ser ele um ordenador de conceitos que foram sendo emitidos ao longo da história humana e que de certa forma perderam sua conexão. Além disto, Jung valorizou fatos empíricos que foram deixados de lado por seus colegas ao abordarem tais conceitos, como por exemplo, na elaboração do termo "complexo". Como corroboração final, a explicação dos termos facilitará a compreensão das idéias colocadas na conclusão. Encontra-se neste capítulo uma predominância de citações de pós-junguianos com o propósito básico de avaliar como os conceitos empíricos de Jung foram entendidos ao longo dos anos até os dias de hoje. Some-se, a isto, o fato de que no capítulo seguinte as citações são todas de Jung.

Na seqüência será apresentado um breve histórico do tema o bem e o mal na obra de Jung e em seguida o corpo principal do trabalho: a apresentação da correspondência de Jung em ordem cronológica. Cada carta em que foi mencionada a palavra bem ou mal será citada e comentada e, em algumas a citação será longa devido à contundência e importância do material ali contido. A estratégia se justifica pelo fato de lá encontrarmos um Jung com uma linguagem mais solta, mas fluídica, e sem a preocupação de apresentar um bom resultado para uma platéia de leitores que sempre foi muito rigorosa em suas críticas.

Mesmo com o material das cartas de Jung já desenvolvido e preenchendo bem o miolo da monografia e apesar da necessidade de uma delimitação bem específica do tema, incluiu-se um capítulo para a avaliação de partes do artigo de Jung sobre o tema do bem e do mal, intitulado "O bem e o mal na psicologia analítica", com a intenção precípua de colher dados para um desfecho mais embasado que é apresentado na conclusão. Principalmente porque ele é único - onde o bem e o mal aparecem no título - (apesar de apresentado duas vezes nas Obras Completas em alemão e conseqüentemente em português¹) no tema em questão e porque ele é derivado de anotações de um aparte final de Jung na palestra do seu colega Seifert. Portanto, mostra também um Jung bem solto e não muito preocupado com seus detratores (na época ele nem acreditava que suas palavras seriam transformadas em um artigo e muito menos que fariam parte de suas obras completas).

Na conclusão, o autor apresenta um resumo não cronológico e bastante sintético das idéias de Jung que surgiram a partir da observação de sua correspondência; estão listadas em vinte e quatro (24) tópicos julgados os mais importantes sobre o tema. Um destaque foi dado as diferentes abordagens que Jung dava ao mal, uma como 'mito-arquetípica' e outra como 'histórica'. Outro destaque foi dado à importância que Jung dava a Trindade religiosa e a uma comparação estabelecida por ele entre o três e o quatro, enfocados como fenômeno psicológico humano e sua busca no processo de individuação. Em seguida, colocações pessoais são inseridas principalmente com dois exemplos, mas sem nunca perder o fio condutor das idéias junguianas apresentadas anteriormente.

As colocações pessoais do autor não poderiam deixar de ser polêmicas principalmente devido ao tema em si, mas o intuito único de levantar questões é colocar temas difíceis e contundentes num setor do conhecimento humano que já é problemático em sua natureza, que é a psicologia. A idéia é motivar o debate como retribuição das extensas horas de excelente ensino, que foram apresentadas no curso de pós-graduação. Com este trabalho espera-se mais um despertar para futuras pesquisas do que esgotar este assunto tão rico e polêmico. Pretende-se deixar uma porta aberta para o desenvolvimento do tema e uma busca do esclarecimento contínuo de assunto tão instigante e de certa forma angustiante.

¹ Aparece no volume X/1 das obras ditas completas, intitulado Civilização em transição, capítulo XVII, que se inicia no parágrafo 858 e também (para quem possui as obras completas em brochura) no volume independente e sem número das mesmas Obras Completas, intitulado Escritos Diversos, do volume XI, capítulo que se inicia na página 112 e não está numerado por parágrafos.

2 CONCEITOS JUNGUIANOS

Todos aqueles que estudam e escrevem sobre Jung abordam assuntos que já são do seu conhecimento e de certa maneira de seu domínio. Como uma monografia, depois de gerada e parida, vai ganhar vida e circular no mundo acadêmico, encontrando um universo muito heterogêneo, as dúvidas e tropeços nos termos usados vão surgir a todo instante. Quando um autor escreve, o assunto fica claro para ele, mas ele não tem a idéia precisa de como chegará para cada um dos seus leitores, que vão estar no futuro (espera-se não muito distante) a ler a obra. O ideal na obra escrita seria uma interação instantânea, semelhante a uma palestra, onde a platéia formulasse suas dúvidas e perguntas sobre o que foi escrito, mas isto não é possível. Com isto, a proposta é começar o trabalho esclarecendo alguns conceitos e tornar os leitores os mais homogêneos possíveis frente ao universo de formulações junguianas.

De uma certa forma, os pensamentos de Carl Gustav Jung (1875-1961) e, conseqüentemente seus conceitos, são muito difíceis de serem compreendidos, pelo menos para o autor. Jung possuía uma cultura muito vasta, pois foi um homem que viveu na Europa da virada do século XIX para o XX, numa época muito transformadora. Passou por duas grandes guerras e ainda prosseguiu sua vida em franca atividade até 1961, ano de sua morte. Ele enveredou por assuntos complexos, como por exemplo: antropologia, sociologia, filologia, mitologia, misticismo, religião, história, alquimia, gnosticismo, simbologia, filosofia e é claro sem perder o empirismo da psicologia, com o viés de sua experiência de residente por 09 anos em um hospital psiquiátrico. Jung escreveu realmente poucos livros, sua obra é formada na maioria por artigos que vieram do núcleo de suas palestras e seminários, mas foi imensamente produtivo em escritos científicos que começaram já na sociedade estudantil da faculdade e portanto cumpriram longos 65 anos de atividades literárias.

Os conceitos junguianos são inúmeros e complexos e não sofreram por parte de Jung uma ordenação lógica, nem foram reunidos em tomos específicos dentro da sua obra. A única vez que tentou uma ordenação de seus conceitos foi quando colocou um glossário no final do volume VI de suas obras completas, intitulado "Tipos psicológicos". Acredita-se que com nove destes conceitos já se tenha uma base para deixar mais claro suas palavras, às vezes tão herméticas. Optou-se para que a maioria das citações seja de autores pós-junguianos, isto com a finalidade básica de olhar como seus seguidores interpretaram seus escritos, mas na explicação dos verbetes será mantida fidelidade às palavras do próprio Jung.

2.01. Conceito básico de Consciente e de Inconsciente

A consciência está sempre referida ao ego e como consequência o inconsciente não o está. O ego faz parte da consciência, mas não é toda ela. O 'Ego' é o centro da nossa consciência, sem ser ela toda. Uma pessoa está escrevendo e o telefone toca, foi um fato consciente que chega aos sentidos (no caso a audição), mas que não a interessou, porque ela estava concentrada em escrever, foi quase que direto para o inconsciente. Quando esta pessoa terminar um parágrafo, pode trazer o fato de novo para a consciência do ego e perguntar para um membro da família se a ligação era para ele. Jung fala de conteúdos psíquicos como o total da psique que abrange a consciência e a inconsciência. Nas palavras de Jung:

"Por consciência entendo a referência dos conteúdos psíquicos ao eu enquanto assim for entendida pelo eu. Referências ao eu, enquanto não entendidas como tais pelo eu, são inconscientes. A consciência é a função ou atividade que mantém a relação dos conteúdos psíquicos com o eu. Consciência não é a mesma coisa que psique, pois a psique representa o conjunto de todos os conteúdos psíquicos [...]" (JUNG, 1991, p. 401).

O consciente é tudo aquilo que nos chega pelos órgãos dos sentidos. Estes inputs (o que penetra na nossa mente) são transformados em imagens. Depois de manipularmos estas imagens, elas podem ficar no nível 'consciente' ou ir para um 'depósito' muito maior que se chama 'inconsciente'. No que Jung chamou de inconsciente coletivo encontramos conteúdos não pessoais e alguns que não passaram pela nossa consciência. No dicionário de Sharp, no verbete inconsciente, este assunto fica bem esclarecido.

"Inconsciente. A totalidade dos fenômenos psíquicos, destituídos da qualidade de consciência [...]"

"O inconsciente é, ao mesmo tempo, vasto e inexaurível. Não é simplesmente o desconhecido, ou o depósito dos pensamentos e emoções conscientes que foram reprimidas, mas inclui os conteúdos que podem ou que irão se tornar conscientes." (SHARP, 1993, p. 86).

Jung separou o inconsciente em dois reservatórios distintos e os denominou pessoal e coletivo, sempre tirando suas conclusões de observações empíricas, principalmente de seus pacientes. O inconsciente coletivo está presente tanto agora para a humanidade como estava presente há 8000 anos atrás e em todos os tempos da existência humana. No inconsciente dito pessoal aí é colocado à experiência de cada indivíduo, mas que de certa forma vai alimentar o inconsciente coletivo que é comum a toda a humanidade. Nas palavras de Moacanin:

"Aduziu ele que este conceito não era uma idéia a ser especulada ou um postulado filosófico, mas que existia uma prova empírica a confirmá-lo. Jung define o inconsciente coletivo como

a parte da psique que deve sua existência exclusivamente à hereditariedade, e não a experiências pessoais que tenham sido conscientes em determinado momento, desaparecendo depois da consciência. Estas são a camada da psique que ele denomina de inconsciente pessoal e que contém todo o material esquecido ou reprimido pelo indivíduo, deliberada ou involuntariamente. Desse modo, Jung distingue o inconsciente pessoal, a psique subjetiva e a psique objetiva, que ele chama de impessoal, transpessoal ou inconsciente coletivo." (MOACANIN, 1995, p. 45).

Em princípio não temos um acesso direto ao nosso inconsciente. Podemos buscar alguma coisa nele pela vontade do Ego, como no caso de tentarmos lembrar algo de nossa infância. Às vezes o nosso 'inconsciente pessoal' nos manda um pensamento que não pedimos, como um acesso de raiva por algum fato banal, ou eles aparecem toda noite quando dormimos, como por exemplo, nos sonhos. Sobre eles cita-se Signell:

"A maior parte dos sonhos, [...], provém da camada mais acessível do inconsciente, o 'inconsciente pessoal', que consiste de experiências da infância e da vida cotidiana atual [...] Jung, [...] concluiu que a função dos sonhos não era obscurecer, mas trazer conteúdos inconscientes para a consciência, visão que em geral prevalece hoje. Na visão de Jung, imagens e símbolos aparecem nos sonhos porque são a linguagem natural do inconsciente e eles podem ser compreendidos pela interpretação da linguagem dos sonhos [...]" (SIGNELL, 1998, p. 46).

Portanto tudo que está no inconsciente não é do conhecimento do ser humano. Pode-se desenvolver a capacidade de fazer contato com o 'inconsciente pessoal' e com o 'inconsciente coletivo', uma delas é a meditação, outra é a imaginação ativa, para citar apenas duas. Apesar de dispor-se de um mundo imenso que está ao alcance da humanidade, às vezes ele é ignorado por completo. Se alguém quiser desenvolver esta capacidade, pode-se dizer que o processo é lento, mas os resultados são estupendos. Os orientais chamam isso de atingir o 'Nirvana' (o outro lado do rio).

Jung sempre definiu seus conceitos baseado em suas observações empíricas e assim sempre pautou sua vida; nada mais justo que deixar para ele a última palavra:

"Inconsciente. Para mim este conceito é *exclusivamente psicológico*, e não filosófico, no sentido metafísico. É um conceito-limite psicológico que abrange todos os conteúdos ou processos psíquicos que não são conscientes, isto é, que não estão relacionados com o eu de modo perceptível. A justificação para falar da existência de processos inconscientes deriva, para mim, única e exclusivamente, da experiência [...]" (JUNG, 1991. p. 424).

2.02. Conceito básico de Sombra

Uma parte do 'inconsciente individual' do homem chama-se 'sombra'. É um 'lugar virtual' que durante toda sua vida ele vai colocando as suas 'características reprimidas'. De um modo geral pode-se dizer que é lá onde seus defeitos ficam. Tem este nome por ficar

oculta atrás de um corpo que recebe luz. Não é dado ao homem conhecer, normalmente, a sua sombra. É preciso um longo trabalho para torná-la consciente. O trabalho com a sombra é tarefa para a vida toda. Ulson coloca o problema da seguinte maneira:

"Dentre todos os conteúdos arquetípicos, o que se encontra mais próximo do ego é a sombra. Seu estrato mais superficial constitui o que chamamos de *inconsciente pessoal*, formado por elementos que já fizeram parte do consciente, mas que foram reprimidos por serem incompatíveis com os valores do consciente, ou ainda por conteúdos subliminares que, por não serem suficientemente fortes para atravessar o limiar da consciência, permaneceram em estado de latência." (ULSON, 1988, p. 60).

O conceito junguiano de sombra não consta do glossário do volume VI, das Obras Completas. Foi um conceito dos mais tardios e vamos achá-lo numa definição mais completa em 1946:

"Com efeito, ele encontrará infalivelmente aquilo que atravessa o seu caminho e o *cruza*, isto é, em primeiro lugar aquilo que ele não queria ser (a sombra), em segundo lugar, aquilo que não é *ele*, mas o outro (a realidade individual do tu) e em terceiro lugar, aquilo que é seu Não-eu psíquico, o inconsciente coletivo." (JUNG, 1990, p. 128).

Pode-se usar um exemplo como o a seguir:

Uma criança do sexo feminino foi muito extrovertida na sua infância, muito brincalhona, uma 'espoleta'. Esta menina vivia numa família muito conservadora, e seus pais reprimiam seu comportamento mais expansivo. Viviam dizendo:

— Meninas não se vestem desse jeito. — Meninas não sobem em árvores, nem jogam bola. — Meninas só brincam de bonecas. — Meninas não dizem coisas feias.

Acontece que a menina em questão vai reprimindo dia após dia suas características extrovertidas, o seu lado espontâneo, o seu lado criativo. Estes aspectos de sua personalidade não vão embora, ficam no inconsciente pessoal e juntamente com outros aspectos reprimidos constituem a sua sombra. Lemos em Wolff o seguinte:

"[...] porque falta a coragem de se encontrar a si próprio. Isso significa, para a psicologia profunda, a coragem de encontrar-se e confrontar-se com a própria 'sombra', o que não é, pura e simplesmente, mal. Sombra é, antes, tudo o que há de submerso, esquecido ou silenciado, tudo o que é penoso e, portanto, é removido. É também tudo aquilo que não se viveu, não se realizou, embora houvessem condições para tanto. Em resumo: é o 'lado obscuro' da personalidade." (WOLFF, 1990, p. 72).

Quando o homem assume, como seu objetivo, que tudo que lhe afeta ou lhe emociona é seu e só seu, ele já está bem situado no caminho da confrontação com a sua sombra. Ele vai a uma exposição de quadros e apenas um quadro lhe afeta, lhe toca, lhe emociona; ao ler alguns livros um específico lhe emociona mais que os outros. Se ele tiver em mente que aquelas

imagens simbólicas que lhe atingiram não atingiram mais ninguém daquele modo e começar a perceber o quanto de sua psique está envolvido no processo, então terá um ponto de partida palpável para lidar com a sombra, ou seja, um bom começo para um processo que vai levar a vida toda. Stein colocou o problema da seguinte maneira:

"Um dos fatores psíquicos inconscientes que o ego não pode controlar é a sombra. De fato, o ego, usualmente, não possui sequer consciência de que projeta uma sombra. Jung emprega o termo sombra para denotar uma realidade psicológica que é relativamente fácil de captar num nível imagístico, mas mais difícil de compreender nos níveis prático e teórico." (STEIN, 2000, p. 98).

2.03. Conceito básico de Projeção

A sombra a princípio fica escondida, quieta num canto sem se manifestar. Mas sem percebê-la o homem pode ser atingido por um fato externo. Quando a sombra é atingida o 'consciente' não identifica o fato, porque a sombra está em outro compartimento, o inconsciente. Mas isto cria uma energia que incomoda e o inconsciente 'precisa' colocar esta energia em algum lugar. Este lugar geralmente é uma pessoa ou um objeto. O processo que faz com que esta energia psíquica é 'jogada' para fora, de uma maneira inconsciente, sem a participação do Ego, chama-se Projeção.

Jung foi ambivalente com este conceito que no consultório chamou de transferência e contratransferência. No dizer de Steinberg:

"Não há a mesma consistência ou a mesma evolução nas opiniões de Jung sobre o valor da transferência. Bem ao contrário, esta é a única área, em todos os seus escritos sobre a transferência, em que ele continuamente se contradiz. Ele chega a se contradizer no mesmo artigo. Isto talvez indique algum conflito emocional pessoal de Jung com relação ao assunto da transferência." (STEINBERG, 1992, p. 19).

É claro que as projeções são fenômenos inconscientes e na medida em que se identifica com elas, elas se tornam conscientes e portanto não podem mais ser chamadas de projeções.

Pode-se comparar a projeção da sombra com uma vassoura de muitos pêlos, em tamanhos os mais variados, os maiores tampando os menores. Começa-se a retirar os pêlos maiores, que corresponde a sombra mais grosseira. Depois de um exaustivo trabalho de reconhecer esta camada da sombra, de integrá-la ao ego, aparece a camada que estava embaixo e assim por diante. Este processo é interminável e nunca se deixa a vassoura sem pêlos, ou seja, as projeções diminuem mas nunca acabam.

Às vezes um quadro ou um livro atinge os complexos de 10, 100 ou mais pessoas, geralmente ocorre este fenômeno quando os símbolos manipulados são universais. Um quadro

de uma Madona (que exalta o arquétipo da mãe) ou um livro sobre sonhos (um tema universal), são bons exemplos do tipo de arte que mexe com grande número de pessoas. Se duas pessoas estão lado a lado vendo um quadro e ambas ficam afetadas ou emocionadas com um quadro, com certeza foram afetadas em complexos diferentes, embora seu núcleo arquetípico possa ser o mesmo. Assim, a projeção destes complexos constelados também vai ocorrer de maneira diferente. Se por um passe de mágica, dois filmes pudessem ser feitos com as imagens decorrentes de uma projeção seriam dois filmes bem diferentes, possivelmente sobre o mesmo tema. É como pedir a duas pessoas que pensem sobre um cavalo. Para uma o cavalo vai ser branco, estará num pasto com sua manada, para outra pode ser um corcel marrom selado em uma pista de salto. A palavra que motivou as imagens é a mesma, mas a resposta é sempre muito pessoal, pois os complexos estão de certa maneira entrelaçados uns aos outros.

"Jung qualifica de projeção um fenômeno psicológico verificável, a princípio, no cotidiano de todos os homens, ou seja, estamos sujeitos, em nossas concepções acerca de outras pessoas e de situações, a erros freqüentes de julgamento que precisam ser corrigidos mais tarde, mediante uma melhor compreensão. Em tais casos, a maioria das pessoas se dá por satisfeita em compreender o engano, e não refletem mais sobre o que poderia ter sido a causa do juízo errôneo e da concepção incorreta." (VON FRANZ, 1992, p. 09).

Voltando ao exemplo anterior - usado para 'sombra' - da menina que recebeu críticas severas dos pais sobre a sua extroversão. Ela cresce, vira mulher, mas continua basicamente uma pessoa extrovertida, vamos chamá-la de Júlia. Seu comportamento exterior é pautado pelo comedimento, pela educação refinada, pelos bons modos, etc. Mas dentro dela, no inconsciente, na sua sombra, existe uma garota moleca e brincalhona.

Vamos imaginar que Júlia encontra uma colega de infância (vamos chamá-la de Ana) que tinha as mesmas características que ela, mas seus pais não foram tão repressores. Ana agora é uma artista, pintora, de bem com a vida, fala um pouco alto, diz alguns palavrões, etc.

Após o encontro das amigas, Júlia fica muito incomodada com aquilo tudo. Passa um dia agitada, irritada e não sabe de onde surgiram essas emoções. De noite ela comenta com o marido que encontrou uma amiga de infância e que sentiu muita pena dela, é uma pessoa muito esquisita e muito 'perua'.

Na madrugada deste mesmo dia ela sonha com uma palhaça, em um grande circo, em um subúrbio de uma cidade grande. Acorda assustada e não entende nada do sonho. No dia seguinte Júlia vai almoçar com um amigo e ela sabe que ele estuda Jung e os sonhos. Ela conta o sonho e ele pergunta como foi seu dia anterior. Ela narra o episódio com a amiga

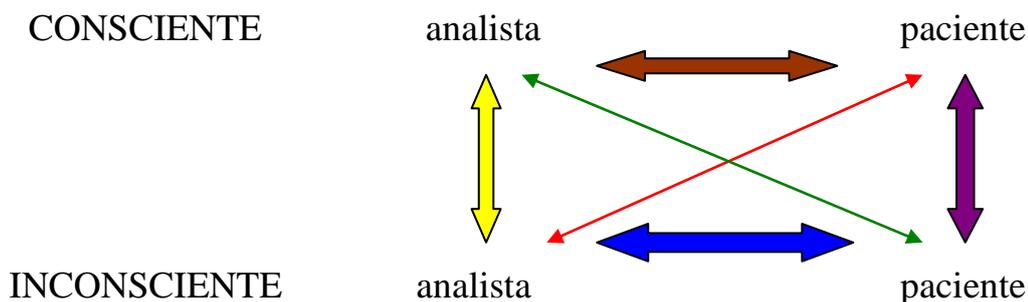
artista. Ele então diz que a figura feminina (do mesmo sexo) no sonho pode ser a sua sombra, e que a irritação e a angústia que sentiu frente ao encontro com Ana, foi uma projeção da sua sombra não consciente. Ele explica que quando nos irritamos com o comportamento de outra pessoa, normalmente, estamos nos vendo nela. É claro que ela não acreditou...!

De uma maneira mais didática podemos ver a colocação de Verena Kast:

"O objetivo terapêutico é acolher os impulsos de desenvolvimento que surgem na psique. Com isso, o indivíduo ganha mais competência para lidar consigo e com os outros: ele entende melhor a si mesmo, inclusive seus lados obscuros, cujas projeções podem depois ser reconhecidas mais facilmente. O objetivo abrangente é tornar-se mais autônomo, mais capaz de se relacionar e cada vez mais autêntico." (KAST, 1997, pág. 165).

A projeção é de tal importância que sempre mereceu um especial destaque no encontro analítico. Abaixo pode-se ver uma colocação, obtida em um dicionário, acompanhada de um desenho explicativo do problema que ocorre com os níveis de interação entre psicólogo e paciente. Na seta amarela o psicólogo interage seu consciente com o seu inconsciente. Na seta roxa é o paciente que faz esta interação. Na seta marrom as consciências de analista e paciente se comunicam. Na seta azul ocorre uma interação entre os inconscientes de terapeuta e paciente. Na seta verde o encontro do consciente do psicólogo com o inconsciente do paciente. Na seta vermelha o consciente do paciente com o inconsciente do terapeuta.

"O segundo aspecto da transferência arquetípica refere-se aos eventos geralmente esperáveis da análise, àquilo que ela provoca no relacionamento entre analista e paciente. Este padrão pode ser ilustrado de forma esquematizada, adaptada de um diagrama de Jung (CW 16, parág. 422)." (SAMUELS, SHORTER e PLAUT, 1988, p. 32.)



2.04. Conceito básico de Persona

No teatro grego e posteriormente no romano, os atores vestiam máscaras para cada tipo de personagem que representavam. Como era preciso um pouco de ampliação na voz existia por dentro da máscara uma espécie de amplificador físico, em forma de funil. Por este fato a

máscara recebeu o nome de "per sonare"² e depois transformou-se em "persone". Robertson coloca a questão de uma forma bem clara:

"Jung chamava de 'Persona' a face que apresentamos ao mundo, referindo-se com esse termo às máscaras que os gregos usavam em suas encenações de tragédias. Contudo, o uso desses personagens simbólicos dificilmente limita-se ao drama grego. Por exemplo, os japoneses têm máscaras semelhantes que usam em seu teatro Nô. Cada máscara representa um tipo fixo de caráter. Os balineses usam figuras simbólicas semelhantes em suas marionetes. As figuras burlescas de Punch e Judy, com seus personagens, são predileções perenes das crianças inglesas. E, embora não usem máscaras, os heróis e vilões dos faroestes americanos foram (até o dia em que surgiu o anti-herói) tipos de caráter igualmente fixos. Todos reconhecíamos o latifundiário malvado, o frio assassino de aluguel, a senhorita inocente em apuros, o médico alcoólatra, o balconista do *saloon*, durão com um coração de ouro, o herói puro como um floco de neve, e assim por diante." (ROBERTSON, 1995, p. 115).

A persona na qualidade de um arquétipo é própria de todo ser humano. Possui a qualidade de estar constantemente a se formar e constantemente a se modificar. Cabe a cada um, a cada ego, a constante identificação do que é o próprio ego e do que é persona. Deve-se usar uma máscara em cada situação da vida humana, mas deve-se saber trocá-la no momento oportuno e também saber que o ego não é a persona. Cacilda Santos coloca muito bem o paralelismo da formação da consciência com a formação da persona:

"Forma-se, em cada indivíduo, junto com a consciência, a medida que o ego se estrutura e, assim, permanece estreitamente relacionada com aquela e com o ego. Podemos mesmo dizer que a consciência, em grande parte, no início, se vai formando à custa da formação da persona, do amoldamento a que se vai submetendo o indivíduo no aprendizado de como viver no seu meio, de que maneiras e atitudes adequadas deve adquirir." (SANTOS, 1976, p. 10).

Ao lidar constantemente com o mundo exterior, vamos fabricando defesas para viver neste mundo, mundo de certa forma hostil. Uma parte da persona serve, portanto, para isolar o homem e para protegê-lo, é claro que uma outra parte interessa a própria sociedade que fica mais segura para lidar com um indivíduo que tem uma persona bem estruturada. Vejamos como ficam as palavras do nosso colega de São Paulo:

"O homem, como todo animal, tem uma necessidade imperiosa de se adaptar ao meio exterior, do qual depende para sua sobrevivência. Desenvolve, para isso, um sistema adaptativo-protetor que deve variar conforme as alterações desse meio. Entre os animais inferiores, podemos observar esse fato através da maneira como eles desenvolveram carapaças, aspectos repulsivos ou atraentes ou mecanismos, como o mimetismo, para passarem despercebidos aos seus predadores." (ULSON, 1988, p. 61).

² Latim, significa soar através de.

Por fim, nada melhor do que as palavras do próprio Jung, através do glossário que ele colocou no final do seu livro "Tipos psicológicos", volume VI das Obras Completas, onde ele coloca os problemas e as dificuldades da confusão e fusão entre ego e persona:

"A identidade com a persona determina automaticamente uma identidade inconsciente com a alma pois, quando o sujeito, o eu, é indistinto da persona, não tem relação consciente com os processos do inconsciente. Ele é esses processos, é idêntico a isso. Quem é seu próprio papel exterior também sucumbirá infalivelmente aos processos internos, isto é, há de contrariar, por absoluta necessidade, seu papel exterior, ou vai levá-lo ao absurdo (v. enantiodromia). Fica, assim, excluída qualquer afirmação da linha individual e a vida transcorre em meio a contradições inevitáveis. Neste caso, a alma é sempre projetada num objeto real e correspondente, estabelecendo-se com este um relacionamento de dependência quase absoluta. Todas as reações oriundas desse objeto têm efeito direto e que toca o íntimo do sujeito. Trata-se, muitas vezes, de vínculos trágicos." (JUNG, 1991, p. 393).

2.05. Conceito básico de Complexo

Jung escreveu um artigo em 1934 retirado de uma aula na Eidgenössische Technische Hochschule³ que levou o título de "Considerações gerais sobre a teoria dos complexos". Nele está selecionado um trecho que fala da constelação dos complexos, processo em que um complexo é atingido por um fato externo deixando o indivíduo pronto para reagir projetivamente e sem controle do seu ego. Este artigo faz parte do volume VIII/2 das Obras Completas.

"Este termo [constelação] exprime o fato de que a situação exterior desencadeia um processo psíquico que consiste na aglutinação e na atualização de determinados conteúdos. A expressão 'está constelado' indica que o indivíduo adotou uma atitude preparatória e de expectativa, com base na qual reagirá de forma inteiramente definida." (JUNG, 1984, p. 29).

A denominação de "complexo de acento emocional" foi dada por Jung logo no início de sua atuação na clínica Burghölzli, onde começou a trabalhar em 1900 e realizou importantes trabalhos práticos com os seus colegas da época, principalmente com Franz Riklin. Ele observou que o "teste de associação de palavras", que era na época muito difundido na Europa, apresentava erros que eram desprezados pelos médicos que lidavam com ele. Jung rotulou o fenômeno de "agrupamentos de idéias de acento emocional no inconsciente" e passou a estudá-los com afinco o que lhe valeu projeção no mundo internacional da psiquiatria. Observa-se nas palavras de Jacobi inclusive a já divergência com seu colega Freud:

³ Escola Superior Técnica Federal

"Não são os sonhos, como entendeu Freud, a 'via régia' para o inconsciente, mas os complexos, diz Jung. Com essa afirmação, ele já esboça o papel predominante e central que confere aos complexos na Psicologia profunda. [...] Jung introduziu, pela primeira vez, a noção de 'complexo de acento emocional' para o fenômeno dos 'agrupamentos de idéias de acento emocional no inconsciente'; mais tarde, como forma abreviada, foi usado apenas o termo 'complexo'." (JACOBI, 1991, p. 16).

Sobre os testes práticos que levaram Jung a descoberta dos complexos e também a sua fama como psiquiatra, pode-se dizer que foi a partir deles que recebeu o convite para ir pela primeira vez aos EUA, em 1909, juntamente com Freud de quem era amigo na época. Jung percebeu que os complexos estavam no inconsciente e um dos modos de provocá-los era com palavras estímulos e as respostas fora de padrões estabelecidos denotavam a sua existência. Abaixo se pode ver a colocação de um de seus discípulos:

"Em Zurique e em outros centros, por essa época, na área da psicologia e suas aplicações no trabalho psiquiátrico, a ênfase recaía sobre a consciência. Nessa base foi conduzida a pesquisa experimental no tocante à psicologia do 'Teste de Associação de Palavras'. Jung, entretanto, era de opinião de que algo mais do que consciência e ação da força de vontade estava envolvido. Ele introduziu o termo '*complexo sintonizado com o sentimento*', mais tarde abreviado para '*complexo*', para designar o que julgou ser um agrupamento de idéias no inconsciente, caracterizado por uma qualidade peculiar de sentimento, talvez dolorosa, que gerava o tempo de reação retardado. Numerosos resultados de testes justificaram essa conclusão e o complexo, com suas características associadas, como os efeitos emocionais, e a qualidade individual, converteu-se na característica central do sistema de pensamento de Jung." (BENNET, 1985, p. 26).

O complexo na maioria das vezes é tão forte que nos dá a impressão de tomar posse do ego e retirar dele o controle deixando quando muito em mera posição de observador. Nas psicoses nem isto encontramos, o complexo assume o controle do corpo e da mente e pode ficar por muito tempo, quiçá pela vida inteira. Não se pode desprezar sua força e seu poder, e é nesta atitude que ele cresce mais ainda e se agiganta. A famosa discípula de Jung colocou muito bem este fato:

"Muitas vezes, mesmo a mentira profunda permanece no sentido terapêutico completamente inacessível. Tais casos apresentam uma autonomia bastante grande de certos complexos que parecem 'possuir' o Eu, como fossem entidades absolutamente independentes - um fato psicológico que encontra sua expressão nas crenças em demônios de todos os povos e de todos os tempos. Num estágio primitivo é evidente que os 'demônios' - em nossa linguagem complexos - têm de ser expulsos e afastados da esfera do sujeito; uma integração, isto é, um acolhimento responsável na personalidade total foi tentado apenas excepcionalmente por certos 'xamãs' ou curandeiros que mantinham muitos 'demônios' subjugados por perto para servir-lhes de 'espíritos auxiliares'." (VON FRANZ, 1992, p. 111).

2.06. Conceito básico de Arquétipo

Os arquétipos funcionariam como um centro de referência para a vida humana emotiva e de certa maneira dando suporte e alimentando constantemente os complexos pessoais do ser humano. Eles são o centro dos complexos individuais e fazem parte do inconsciente coletivo. Jung chama de psique objetiva o inconsciente coletivo, pois é lá que encontra-se o comum a todos os seres humanos, assim como a psique subjetiva seria o inconsciente pessoal.

"A compreensão tanto da objetividade da psique quanto da importância de nossa experiência subjetiva dela informa a concepção junguiana do processo analítico. Este processo envolve o desnudamento de nossa história pessoal, a dinâmica do inconsciente e as limitações individuais, com o concomitante sofrimento e a cura de complexos não-resolvidos. Mas considera-se que esse material pessoal tem um núcleo universal que se deriva da 'psique objetiva' ou 'inconsciente coletivo', com isso referindo-se ao nível e ao conteúdo da psique que consiste de arquétipos. Em vez de ser uma questão individual, a psique objetiva é aquele nível do inconsciente que é comum a todos, e sua 'descoberta' resulta no conhecimento de nossas características comuns, a universalidade da experiência e a criação de significado a partir desta experiência." (YOUNG-EISENDRATH, 2002, p. 73).

Os arquétipos fariam ou comporiam uma malha que daria suporte para a vida do homem na terra, sem com isto direcionar sua vida de uma maneira muito contundente, mas sem deixar de serem teleológicos e mostrarem um caminho que o homem pode seguir em busca de um aumento constante da consciência.

"Esse potencial herdado consiste no que Jung chamava de arquétipos. Não se trata de experimentos vivenciados como tais, argumentou, e se manifestam como imagens simbólicas em mitos, arte, sonhos e fantasias. Pensava Jung que todo o conjunto, ou sistema interligado de arquétipos, era a estrutura que conferia sentido e significado à vida psíquica, uma vez que contém 'toda a herança espiritual da evolução da humanidade' (CW 8. 342). Atua, destarte, como mapas projetados sobre o mundo pela psique, e deles surgem as mais poderosas e eternas idéias na arte, na religião, na filosofia e na ciência. Além do mais, acreditava, 'há tantos arquétipos quantas são as situações típicas na vida' (CW 9. 99), e a lista de exemplos que discuti inclui: anima, sombra, si-mesmo, nascimento, criança, herói, velho sábio e mãe-terra." (CLARKE, 1993, p. 154).

Jung como sempre, obtém seus conceitos de dados empíricos e aproveita nomes que foram usados por outros pensadores. Na formulação da existência dos arquétipos percebeu que estes pertenciam à humanidade e que foram apresentados ao ser humano ao longo dos tempos por meio da mitologia e histórias afins. Grinberg escreveu um livro muito didático e de lá foi tirado o trecho abaixo que aborda a questão dos espíritos na vida humana de uma maneira muito feliz.

"A partir de suas próprias experiências e das experiências de seus pacientes, Jung foi percebendo que, além das memórias pessoais, estão presentes no inconsciente de cada indivíduo um outro tipo de fantasia: as constituintes das possibilidades herdadas da imaginação humana. Tais estruturas, inatas e capazes de formar idéias mitológicas, foram denominadas arquétipos. O mundo dos arquétipos é o mundo invisível dos espíritos, deuses,

demônios, vampiros, duendes, heróis, assassinos e todos os personagens das épocas passadas da humanidade sobre os quais foi depositada forte carga de afetividade." (GRINBERG, 1997, p. 134).

Jung usou o termo 'formas vazias' para caracterizar seus arquétipos, algo que já tinha sido colocado de maneira parecida por Platão. Estas formas não seriam estáticas e sofreriam mudanças ao longo da história humana. Abaixo uma colocação da junguiana Amnéris Maroni que aborda o problema de uma maneira muito clara.

"Essas 'formas vazias', os arquétipos, uma vez atualizadas culturalmente - constelados em detrimento de infinitas outras formas assim relegadas - sofrem uma *diferenciação infinitesimal* ao longo de vastos períodos históricos, quando então, gastas pela vivência, são abandonadas por outras formas vazias e por um novo desabrochar cultural. Essa é uma maneira de o pensamento junguiano dar conta da História. As próprias formas vazias, os arquétipos, sofreriam transformação quando atualizadas na História, ainda que infinitesimais. De algum modo, também para Jung, as experiências vividas seriam interiorizadas, sedimentadas nessas formas vazias. Nesta concepção, não são as imagens arquetípicas, as representações coletivas que são herdadas, mas sim as formas vazias, um tanto diferenciadas pela vivência histórica e cultural de milênios." (MARONI, 2001, p. 47).

2.07. Conceito básico de Anima e Animus

Anima e Animus foram dois pontos básicos na trajetória de Jung, tanto que motivou sua esposa, já na maturidade, a escrever um livro com este título e a tentar dar uma forma mais clara para o assunto já que os críticos de seu marido frequentemente diziam que ele não era claro na sua exposição. Ema Jung tentou dar vida as dificuldades de lidar com a força arquetípica do animus para a mulher e destacou o aspecto disciplinar de tal embate. No trecho abaixo uma pujante declaração das dificuldades de lidar com tais forças da natureza.

"Para se alcançar tal atitude e poder cumprir as tarefas que se apresentam é necessário sobretudo disciplina, que para a mulher, com seu ser ainda muito ligado à natureza, é bastante mais difícil que para o homem. Correspondentemente, o animus é também um espírito que não se deixa atrelar a uma carroça como um cavalo manso; com demasiada freqüência ele tem o caráter de um ser elementar que ou permanece numa letargia plúmbea ou perturba e confunde com sua exuberância flamejante ou então nos leva consigo voando com o vento. Aqui é necessária uma conduta rigorosa e implacável, que doma o que é volúvel e sem direção e força à obediência e ao trabalho conseqüente." (JUNG, Ema, 1991, p. 52).

O pós-junguiano Sanford escreveu um livro para mostrar a importância destas forças masculinas e femininas que possuem os casais e tornam o relacionamento uma tétrede que normalmente leva à confusão e ao desespero. No trecho selecionado abaixo temos além da simplicidade de Sanford, também a sua preocupação de dar aos termos um caráter de alma e de espírito respectivamente e de certa forma reforçar seu caráter independente.

"Jung chamou os opostos existentes no homem e na mulher de anima e animus. Anima significa o componente feminino numa personalidade de homem, e o animus designa o componente masculino numa personalidade de mulher. Ele tirou tais palavras do termo latino animare, que quer dizer animar, avivar, porque sentiu que a anima e o animus se assemelhavam a almas ou espíritos animadores, vivificadores, para homens e mulheres." (SANFORD, 1987, p. 12).

Estes arquétipos estão no limiar para o inconsciente assim como um portão de passagem, ou seja, para o homem começar o caminho de descoberta do inconsciente deve confrontar-se com a anima e o animus correspondente.

"Anima e animus, enquanto pólos opostos do eu consciente, estão profundamente enterrados no inconsciente, onde agem de modo autônomo. Aí eles ativam as funções que o consciente desenvolveu aos poucos. Recordemo-nos que, para Jung, o consciente se orienta na existência com o auxílio de quatro funções: pensamento, sentimento, intuição e sensação. Obedientes à lei da enantiodromia, essas funções andam sempre aos pares: sentimento e pensamento, sensação e intuição." (WINCKEL, 1985, p. 119).

Deve-se cuidar para que um julgamento simplista não entenda estes conceitos com um viés puramente sexual. O conceito foi idealizado visando o feminino e o masculino, e não o homem e a mulher. É claro que os parâmetros que Jung tinha da sociedade eram os do início do século XX, mas isto não retira a validade dos conceitos e ao mesmo tempo permite que suas colocações da época evoluam. No final o que Jung queria é que o ser humano buscasse sua inteireza fazendo uma complementação com o seu oposto.

"O conceito junguiano de Anima/Animus costuma ser criticado, atualmente, como uma concepção sexista. Numa época em que os valores das mulheres eram em grande extensão ignorados, Jung argumentava que o homem precisava chegar a um acordo com a sua dimensão feminina interior, e que a mulher teria o mesmo trabalho com as suas qualidades masculinas, para que pudessem tornar-se pessoas inteiras. Essa era e ainda é uma idéia radical. Infelizmente, em suas descrições da Anima e do Animus, Jung freqüentemente presumiu como inquestionável a universalidade dos traços masculinos e femininos de personalidade mais marcante em sua época. Isso é particularmente ofensivo para algumas mulheres, pois a última coisa que o contingente feminino precisa hoje é de uma teoria que predefina o que as mulheres são ou não são capazes de fazer." (ROBERTSON, 1995, p. 133).

2.08. Conceito básico de Self

A comparação do Self a uma cidade e ao Ego como o prefeito dela, foi uma metáfora muito feliz de Whitmont. Pode-se acrescentar que esta cidade citada seria uma mega-cidade como São Paulo ou Rio de Janeiro e, como tal, bem caótica, o prefeito não será preciso nominar, mas alguns logo nos apresentam a mente.

"Se a personalidade como um todo tivesse de ser considerada como uma cidade da qual o ego fosse o prefeito, não apenas essa cidade conteria moradores que o prefeito nunca viu ou de quem jamais ouvir falar (o inconsciente pessoal), mas ele também acabaria descobrindo outras autoridades que não estão sob o seu comando, que parecem obedecer a uma autoridade central cuja existência ele desconhecia e que reside em outro lugar - na Ásia Central, digamos, ou em Marte. Essa autoridade central daria ordens e a milícia local obedeceria, sem considerar quaisquer ordens conflitantes que fossem dadas pelo prefeito." (WHITMONT, 1990, p. 193).

O conceito de Self quase sempre leva o indivíduo a pensar de uma maneira religiosa e a compará-lo com a divindade. Jung nunca negou isto e, várias vezes afirmou que do ponto de vista psicológico pode-se ter uma identidade entre os dois. Como no trecho abaixo, vê-se a busca do Self e o seu possível encontro, como um caminhar no processo de individuação, onde o Ego estaria constantemente se anulando. O ego vai diminuindo e perdendo o seu controle para que a força arquetípica do Self tome o seu lugar. Jung via a experiência religiosa como uma força numinosa e algo inerente ao ser humano.

"Dito de outra maneira: a meta do processo de individuação - quer dizer, a realização do Self - é identificável como meta religiosa?"

"Como costuma acontecer com Jung, sua resposta se afigura, ao menos de início, inequívoca. A individuação pode ser definida como religiosa por ser um processo arquetípico e porque toda orientação para os arquétipos tem cunho religioso. Essa conclusão decorre diretamente do relato antecedente da experiência religiosa feito por Jung. Uma experiência religiosa é a experiência 'numinosa' que tem o indivíduo do aspecto de sua psique que é primordial, arquetípico e coletivo; trata-se da experiência da própria forma supra-pessoal do indivíduo, do imanente-transcendente, 'o Deus interior'. Como portanto a individuação também é motivada por um arquétipo - neste caso, o desejo arquetípico de integralidade -, também é possível concebê-la como processo religioso e numinoso. Ele reconhecidamente não depende de um sistema metafísico, de credo ou rito particulares, derivando sua qualidade religiosa apenas do fato de ser uma experiência coletiva: em outras palavras, ele requer um 'olhar religioso sobre a vida' ao exigir do Self em individuação que perceba sua própria natureza psíquica, que perceba que seu ego consciente está arraigado em algo mais profundo, anterior e mais fundamental do que sua própria personalidade distinta, bem como que seu desejo de tornar-se um ser humano integral é ao mesmo tempo uma experiência do fundamento eterno e arquetípico de seu próprio ser psíquico." (PALMER, 2001, p. 191).

O self funciona como um ordenador, um controlador dos arquétipos. Pode-se até dizer que ele possui uma teleologia intrínseca e com isto ajuda a manter coeso o relacionamento entre os diversos arquétipos. Este modelo da psique tem como base uma observação empírica de Jung, mas serve para dar certa estabilidade a compreensão humana de um fenômeno que não pode ser compreendido pelo homem. Saiani coloca bem a problemática e ainda se apóia em Sharp e em Silveira.

"Não parece ser possível delimitar os arquétipos com precisão cirúrgica, uma vez que tudo indica haver uma hierarquia e uma interpenetração entre eles. Por exemplo, a primeira vivência que um bebê do sexo masculino tem com uma mulher é sua relação com a mãe.

Sendo ela uma mulher, será também uma instância da alma. Certas qualidades não aprovadas pela mãe vão fazer parte, na maioria dos casos, daqueles aspectos que o indivíduo tenderá a reprimir, contribuindo para a formação da sombra, e assim por diante. Devemos nos lembrar de que todo arquétipo é, em si, incognoscível e que toda classificação que fazemos é apenas um meio de tornar inteligível uma realidade fugidia e nebulosa, cujas leis não são necessariamente as leis da consciência, como se depreende pelos sonhos. Conforme Jung gostava de enfatizar, trata-se de um modelo da psique, mas a psique em si é tão intangível quanto a realidade subatômica. Há um arquétipo, no entanto, que parece desempenhar um papel especial, sendo uma espécie de 'centro ordenador', (Silveira, 1981, p. 73), o '*arquétipo da totalidade e o centro regulador da psique*' (Sharp, 1993, p. 142). Trata-se do Self." (SAIANI, 2000, p. 71).

2.09. Conceito básico de Individuação

Pode-se definir individuação como: É o caminho de uma busca consciente de um auto-conhecimento, com a finalidade básica de nos aceitarmos como realmente somos, ou seja, identificando no máximo nossas projeções.

Para entender-se melhor o caminho da individuação passando pela projeção e sua conseqüente retirada gradativa, precisa-se ver como a humanidade caminhou e como lidou e lida com as projeções para ganhar consciência, num processo que se acredita ser uma espiral ascendente, lenta, mas contínua.

Para se vivenciar as cinco etapas do desenvolvimento da consciência propostas por Jung, com sua conseqüente retirada das projeções, imagina-se uma metáfora que pode ser ilustrada na prática de uma maneira bem simples. Esta experiência prática consiste em selecionar duas pedras (uma maior que a outra), um lenço que possa cobri-las e um elástico ligando as duas pedras.

A experiência prática é feita da seguinte maneira: se amarra duas pedras com um elástico forte, coloca-se uma em cima da outra e cobre-se com um lenço opaco, aí está à *primeira fase*. Retirando-se o lenço e contemplando-se as pedras sobrepostas tem-se a *segunda etapa*. Começando a afastar uma pedra da outra, é a *terceira etapa*. Depois do elástico bem esticado vai-se mentalmente imaginar um ou mais símbolos transcendentais e então concluímos a *quarta etapa*. Pela ação dos símbolos, a tensão no elástico cede e voltamos a juntar as pedras, sem sobrepô-las, é a *quinta etapa*. Agora uma breve exposição das cinco etapas para uma melhor compreensão do problema.

1ª etapa: O antropólogo francês Lévy Bruhl chamou-a de 'Participation Mystique'⁴; é a etapa da identificação da consciência com o mundo, onde a consciência e o objeto são a mesma coisa; é a identificação do homem com o objeto, natureza, bens materiais, etc. Quando

⁴ Participação mística.

um primitivo ouve uma voz interna ele sempre atribui a Deus, ao Diabo, a uma árvore, um duende, um animal, etc. Pode parecer que a fusão com a natureza é uma totalidade, mas ao contrário, ela é inconsciente.

2ª etapa: Nesta etapa o homem começa a reconhecer um mundo exterior e nele projetar seus conteúdos inconscientes. É a etapa das projeções arquetípicas, as projeções são seletivas e o inconsciente tem preferência por colocá-la nos objetos. Pode-se subdividi-la em vários arquétipos: pai, mãe, irmãos, professor, padre, amigo, chefe, esposa, filhos, etc...

3ª etapa: O ser humano começa a reconhecer o outro, as projeções são menos em coisas e pessoas e mais em princípios. Deus ainda existe fora - se a pessoa é religiosa - mas não consegue internalizá-Lo. Sabe-se que o mundo possui existência própria e não se pode interferir na natureza.

4ª etapa: Vai-se tirando lentamente as projeções, sempre com o cuidado de não trocar uma projeção por outra, achando que ela foi retirada. Deve-se ter cuidado com 'culpa e inflação' que são projeções negativas e positivas no ego. Pense-se no 'Além do homem' de Nietzsche e pode-se ter uma idéia das dificuldades.

5ª etapa: Aqui se começa a deslumbrar o Self, a *Imago Dei*⁵. Estar juntos de Deus sem ser Deus, aceitar a nós mesmos e conseqüentemente aos outros: pessoas, objetos, natureza, etc. Aceitar inteiramente o inconsciente como uma unidade à parte que pode interferir na nossa vida.

Von Franz enfatiza então que o caminho de individuação com as conseqüentes retiradas de projeções não leva o indivíduo ao isolamento e sim pelo contrário, ele incrementa seu relacionamento com o outro, mas vendo no outro, cada vez mais, as diferenças intrínsecas.

"No trabalho psicológico sempre se evidencia que, em muitos casos, a retirada das projeções que cegam e prendem a pessoa ao seu ambiente humano absolutamente não elimina o *relacionamento* com as outras pessoas; ao contrário, surge então um relacionamento autêntico, *mais profundo*, baseado não mais nos humores, aspirações e ilusões do Eu, mas sim numa sensação de ligação mútua, para além de uma instância objetiva e absoluta. Isso é dito com muita beleza no *Bṛhadanyaka-Upanishad*: 'o marido não é querido pela sua vontade, mas o marido é querido pela força do Self; a esposa não é querida pela sua vontade, mas a esposa é querida pela força do Self... deve-se procurar ver, ouvir, ponderar e reconhecer deveras o próprio Atma...'" (VON FRANZ, 1992, p. 189).

A individuação deve ser vista como um processo que tem início, mas não tem fim. Procura-se desenvolver todo potencial que a cada ser humano foi permitido conter ou possuir, cabe então a cada um desenvolver ao máximo aquilo que lhe foi dado. Por isto, o caminho não

⁵ Em latim, significa a imagem de Deus.

é florido e cheio de pássaros a cantar, é mais uma via dolorosa em busca do conhecimento e da consciência. James Hall coloca este viés de uma forma muito clara.

"A individuação é a manifestação, na vida, do potencial inato e congênito da pessoa. Nem todas as possibilidades podem ser realizadas, de modo que a individuação jamais se completa. A individuação é mais busca do que alvo, mais direção a seguir do que local de descanso na caminhada. O ego em processo de individuação alcança, repetidas vezes, pontos nos quais deve transcender a imagem que fazia de si mesmo até então. Trata-se de uma experiência dolorosa, pois o ego se identifica continuamente com as imagens que faz de si mesmo, acreditando que a imagem com que se identifica num dado momento seja a pessoa 'real'." (HALL, 1988, p. 62).

No caminhar em busca da consciência o inconsciente nos envia imagens em profusão e às vezes acredita-se que este seja todo o caminho. Porém, falta ainda buscar o religioso que é inato em cada ser humano e comungar com ele, proceder a uma integração dos opostos. O que Jung chamou de Self e pode também ser chamado de Deus, precisa ser integrado no exterior pelo ser humano, ao mesmo tempo em que ele deve permitir ao Self se integrar com o ego.

"Como se pode deduzir dos trechos citados, a 'individuação' ou 'processo da individuação' não consiste unicamente na sucessão de imagens do inconsciente. Isso é apenas parte do processo, representa a sua realidade interna ou espiritual. O seu complemento necessário é a realidade exterior, o desenvolvimento da individualidade e o seu destino. *Ambos os aspectos do processo* são regulados pelo poderoso arquétipo do *self*. Noutros termos, ao longo da individuação, o self penetra no mundo da consciência, enquanto, ao mesmo tempo, a sua natureza originariamente psicóide se dissocia, de modo que se manifesta muito mais em imagens internas do que em fatos da vida real." (JAFFÉ, 1989, p. 78).

3 O BEM E O MAL NA VISÃO DE JUNG

"Quem, por conseguinte, desejar encontrar uma resposta ao problema do mal, tal como é colocado hoje em dia, necessita em primeiro lugar de um *conhecimento de si mesmo*, isto é, de um conhecimento tão profundo quanto possível de sua totalidade. Deve saber, sem se poupar, a soma de atos vergonhosos e bons de que é capaz, sem considerar a primeira como ilusório ou a segunda como real. Ambas são verdadeiras enquanto possibilidades e não poderá escapar a elas se quiser viver (como obviamente deveria), sem mentir a si mesmo e sem vangloriar-se." (JUNG, 1978, p. 285).

Nada como uma citação da obra dita autobiográfica de Jung para se extrair a essência da sua opinião a respeito da problemática do mal. Deve-se ressaltar que a obra "Memórias, sonhos, reflexões" começou a ser escrita em 1957 e, portanto posterior à fase que Jung resolveu se expor falando de uma problemática tão contundente. Cabe aqui um pequeno resumo histórico sobre os escritos e conseqüentemente sobre as idéias de Jung acerca do tema da monografia. No presente trabalho, só comenta-se as cartas que compõem os três volumes de suas correspondências, que no Brasil foram editadas pela Editora Vozes (JUNG, 2001, 2002 e 2003). Neste resumo apresenta-se os trabalhos e alguns dados a partir de 1937, por julgar-se que foi nesta época que os escritos revelam um Jung ligado na 'religião ocidental' e conseqüentemente nos dogmas por ela emitidos.

Jung vinha desenvolvendo seus estudos sobre religião oriental principalmente após seu primeiro encontro com Richard Wilhelm, que ocorreu em 1922. Em 1926, Wilhelm enviou para Jung sua tradução de um livro alquímico oriental que culminou na produção, em conjunto, do livro "O segredo da flor de Ouro", em 1929. Jung já vinha pesquisando a alquimia desde 1926, mas com um viés oriental devido em parte a influência do seu amigo Wilhelm, que veio a falecer em 1930. O prefácio de Jung para o livro "I Ching", de Wilhelm só foi escrito em 1949 para a edição inglesa, embora Jung já tivesse conhecimento do livro desde a sua primeira edição, assim como costumava consultá-lo com uma certa freqüência.

Pode ser uma coincidência, mas Jung embarca para sua visita à Índia em dezembro de 1937 com o retorno em fevereiro de 1938, logo após ter aceito o convite para fazer as três conferências na Universidade de Yale sobre o tema 'religião ocidental', que recebeu o título de "A natural religiosidade da alma". O autor acredita que após esta palestra e o retorno de Jung de sua viagem ao oriente, marca na sua vida um interesse sempre crescente na religião ocidental e no seu bojo os temas da *privatio boni*, do *summum bonum* e 'do bem e do mal'.

Em 1938, Jung escreveu um artigo que correspondia as suas palestras nas "Terry Lectures"⁶, da Universidade de Yale, no estado de Connecticut, nos EUA, que veio a ser transformado no volume XI/1 de suas 'obras ditas completas' e levou o título de "Psicologia e Religião". Na tradução para o português usou-se uma versão datada de 1939. Aqui Jung já aborda o tema da Trindade, da quaternidade e da posição do mal e esboça seus comentários que irá desenvolver mais tarde no artigo "A interpretação psicológica do dogma da Trindade".

Em 1938 ocorre a invasão da Áustria pela Alemanha e o começo de uma guerra longa e cruel que Jung enfrentou pela segunda vez em sua vida. Abaixo um trecho da biografia de Jung escrita por sua discípula Barbara Nannah. Ele serve ao propósito de se observar a tranquilidade das pessoas ante a possibilidade de guerra e para se ter uma idéia de quão tardiamente em sua vida Jung começou a ter a real noção do mal e de seu relacionamento com o bem, onde eles realmente se encontravam e como interagiam com o ser humano.

"Depois da Conferência de Eranos de 1939, todos saímos a passeio por alguns dias [...]"

"Todos estávamos de volta ao lar, e Jung encontrava-se em Bollingen, quando a Europa, horrorizada, recebeu a notícia do terrível pacto entre Alemanha e Rússia. Jung ficou ainda mais perturbado com um sonho deveras indigesto, que ele teve imediatamente depois disso. Sonhou que Hitler era 'o Cristo do diabo', o anticristo, mas que, entretanto, como tal, ele era um *instrumento de Deus*. Ele disse que levou muito tempo e esforço até que fosse capaz de aceitar a idéia. Embora Jung estivesse ocupado com a idéia da face sombria de Deus desde a sua infância, ainda faltava muito até que ele finalmente conseguisse enfrentar o problema em *Resposta a Jó*, e a idéia de que um lunático perigoso como Hitler pudesse ser um instrumento de Deus ainda estava longe de fazer parte de sua consciência quando teve este sonho." (HANNAH, 2003, p. 275)

Olga Froebe-Kapteyn solicitou a Jung um encontro simbólico em Eranos para o ano de 1940 e o público foi bem reduzido. Vale a pena lembrar que a Segunda Guerra Mundial já tinha iniciado há um ano e por pouco a Suíça não tinha sido invadida pelos alemães. Ocorreram duas palestras, a de Jung e a do matemático Andreas Speiser. A frequência foi na sua maioria de suíços e alguns poucos refugiados, mas estes poucos tiveram o prazer de debater o assunto da Trindade, que foi repetido no próximo ano, já sem a pressão enorme de uma invasão da Alemanha. Em 1942 a palestra foi transformada em artigo e hoje se encontra no volume XI/2 das obras completas.

Após as palestras de 1935 e 1936 de Eranos Jung usou-as como base do seu livro "Psicologia e alquimia" que foi terminado em janeiro 1943 e publicado em 1944. No primeiro capítulo que serve como uma introdução, Jung toca diversas vezes no tema do bem e do mal e no entender do autor constitui uma das pérolas dos escritos de Jung.

⁶ Conferências Terry.

Em 1944 Jung sofre um acidente que irá transformar em muito a sua vida. Nas palavras do autor em um artigo:

Jung adoeceu gravemente (provavelmente um “infarto agudo do miocárdio”) logo após uma queda, ocorrida em 26 de janeiro de 1944; escorregou na calçada com neve transformada em gelo, na velha Zürich. Jung nasceu em 26 de julho de 1875, portanto, estava, na época, com 68 anos. A princípio, a queda não provocou o infarto, parece que foram dois avisos do inconsciente, primeiro um menor e o outro maior, logo em seguida.

De acordo com sua narrativa, a lesão cardíaca foi extensa e resultou em longo tempo de internação. Jung nos conta que dois dos medicamentos que tomou foram: o “oxigênio” e a “cânfora”. O oxigênio continua em voga, mas a cânfora foi abandonada nesse tipo de tratamento. A cânfora é anestésica e estimulante da respiração; provavelmente, a lesão cardíaca provocou uma insuficiência do coração e também um edema pulmonar. Acontece que um dos efeitos da cânfora é estimular o “Sistema Nervoso Central”, podendo ter facilitado o aparecimento das “Visões” de Jung. Num estado de coma superficial ou torpor, começou a ter uma série de visões que ficaram marcadas em sua lembrança. Felizmente, a narrativa das visões e sensações destes 21 dias, que passou relutando para viver, foi preservada nas suas Memórias. (SOUZA, 2006, p. 02)

Com o desenvolvimento sobre as idéias da alquimia já assentadas, Jung partiu para o estudo do simbolismo de Cristo e produziu o livro "Aion - Estudos sobre o simbolismo do si-mesmo" em 1950. Neste livro encontra-se farto material sobre a *privatio boni*, o *summum bonum* e 'o bem e o mal', principalmente no capítulo V, intitulado "Cristo, símbolo do si-mesmo".

Foi em 1952 que Jung trouxe a público o seu livro "Resposta a Jó", que de certa maneira contém muitas idéias sobre a *privatio boni*, o *summum bonum*, o Diabo e 'o bem e o mal', embora os termos não apareçam em profusão. O livro tornou-se um marco na obra de Jung e de certa forma 'municiou-o' para a sua correspondência, na sua maioria para religiosos que eram contra as suas idéias propostas no livro em questão.

No período de 1952 até 1953, o tema do bem e do mal foi amplamente discutido entre Pauli e Jung e está bem documentado no livro editado por Carl A. Meier, intitulado "Wolfgang Pauli y Carl G. Jung - Un intercambio epistolar, 1932-1958". Como o título já diz a correspondência ocorreu entre 1932 e 1958, mas no período citado houve uma provocação de Pauli em duas cartas; na primeira falou sobre o livro Aion e o mal e na segunda sobre o livro de Resposta a Jó e também sobre o mal.

No volume XVIII/2 das Obras Completas de Jung encontra-se uma quantidade de escritos (prefácios, entrevistas, artigos, cartas, etc.) em que citações com os termos *privatio boni*, *summum bonum* e 'o bem e o mal', são comuns. Pode-se destacar a longa carta ao pastor William Lachat, de 27 de março de 1954 e parte da correspondência - em forma de perguntas e respostas - entre Jung e H. L. Philp a qual deu origem ao livro "Jung e o problema do mal".

Para delimitar o presente trabalho escolheu-se tratar do assunto 'bem e mal' usando como base a correspondência de Jung devido ao fato de que nelas encontra-se um Jung mais liberado de seus críticos e, portanto, mais pessoal e contundente.

Nada melhor para fechar o capítulo do que retornar ao livro dito autobiográfico de Jung com o qual abrimos o mesmo. Aqui se vê um Jung ainda muito jovem, na época de sua Crisma, mas já interessado e angustiado com o problema da Trindade.

"No que se refere a meu pai, a situação era muito diferente. Teria sido bom submeter-lhe minhas dificuldades religiosas e aconselhar-me com ele; se não o fiz foi porque julgava conhecer a resposta que me daria, por motivos ligados à probidade do seu ministério. Pouco depois constatei a que ponto tal suposição era justa: meu pai ministrava-me pessoalmente aulas de religião, a fim de preparar-me para a crisma e isto me aborrecia. Certa vez, folheando o catecismo em busca de algo diferente das explicações sentimentais, incompreensíveis e desinteressantes acerca do 'Senhor Jesus', deparei com o parágrafo referente à trindade de Deus. Fiquei vivamente interessado: uma unidade que ao mesmo tempo é uma 'trindade'! A contradição interna deste problema cativou-me. Esperei com impaciência o momento em que deveríamos abordar essa questão. Quando chegamos a ela, porém, meu pai disse: 'Chegamos agora à Trindade, mas vamos passar por alto este problema pois, para dizer a verdade, não a compreendo de modo algum.' Por um lado, admirei sua sinceridade, mas por outro fiquei extremamente decepcionado e pensei: 'Ah, então é assim! Eles nada sabem disso e não refletem! Como poderei abordar esses temas?'" (JUNG, 1978, p. 57).

4 O BEM E O MAL NAS CARTAS DE JUNG

A seguir é apresentada uma tabela com todas as cartas em que aparece a citação do bem e do mal. Estão em ordem cronológica para facilitar a procura nos três volumes da edição em português. Alguns dados que estão faltando não aparecem nas notas às cartas.

vol.	pág.	dia	mês	ano	destinatário	nasc/mort	país	ocupação
I	357	02	nov	1944	Max Pulver	(1889-1952)	Suíça	grafólogo
II	27	20	abr	1946	Eugene H. Henley	(1884-1968)	EUA	analista
II	92	13	jan	1948	Gebhard Frei	(1905-1968)	Suíça	filósofo
II	124	13	jan	1949	Jürg Fierz		Suíça	filólogo
II	146	31	dez	1949	Victor White	(1902-1960)	Inglaterra	padre
II	203	16	nov	1951	Hans Schär	(1910-1968)	Suíça	pastor
II	226	09	abr	1952	Victor White	(1902-1960)	Inglaterra	padre
II	233	30	abr	1952	Victor White	(1902-1960)	Inglaterra	padre
II	246	30	jun	1952	Victor White	(1902-1960)	Inglaterra	padre
II	256	01	set	1952	Horst Scharschuch		Alemanha	
II	267	19	nov	1952	Barbara Roob		Inglaterra	psicóloga
II	304	24	nov	1953	Victor White	(1902-1960)	Inglaterra	padre
II	317	30	jan	1954	Erich Neumann	(1905-1960)	Israel	analista
II	322	13	fev	1954	G. A. van den Bergh von Eysinga	(1874-1957)	Holanda	teólogo
II	325	16	fev	1954	James Kirsch		EUA	
II	333	10	abr	1954	Victor White	(1902-1960)	Inglaterra	padre
II	402	28	mar	1955	Lucas Menz		Alemanha	padre
II	421	14	maio	1955	Hélène Kiener		França	
II	443	09	nov	1955	Theodor Bovet		Suíça	
II	446		nov	1955	Simon Doniger		EUA	editor
III	32	28	jun	1956	não identificada		Suíça	
III	34	30	jun	1956	Elined Kotschnig		EUA	
III	82	03	jun	1957	Erich Neumann	(1905-1960)	Israel	analista
III	87	11	jun	1957	H. L. Philp		Inglaterra	pastor
III	100	17	ago	1957	Roswitha		Suíça	
III	110	15	out	1957	John Trinick		Inglaterra	
III	117	26	out	1957	John Trinick		Inglaterra	
III	149	03	maio	1958	Morton T. Kelsey		EUA	pastor
III	172	01	out	1958	James Gibb		Canadá	
III	192	12	fev	1959	Tanner		Suíça	pastor
III	229	05	nov	1959	Charles E. Scanlan		EUA	
III	234	05	dez	1959	Leonard		Inglaterra	
III	303	19	nov	1960	Eugene M. E. Rolfe		Inglaterra	
III	307	07	dez	1960	Wilhelm Bitter		Alemanha	médico
III	315	30	jan	1961	William Griffith Wilson	(1896-1971)	EUA	

Tabela 1

Jung fez sua primeira citação em carta, sobre 'o bem e o mal', em uma missiva de 02 de novembro de 1944 e depois desenvolveu o tema em mais outras trinta e quatro (34) delas. Pelo menos é o que temos em suas cartas publicadas, pois sabe-se que nos volumes que

vieram a público não estão todas as suas correspondências — sendo a última em 30 de janeiro de 1961, ano de sua morte.

A pretensão do autor é fazer uma viagem comentada pela correspondência de Jung, em ordem cronológica, para sentir como Jung tratou do tema de uma forma descontraída, pois assim é considerada sua correspondência.

Em sua primeira citação sobre o mal, em novembro de 1944, ano em que quebrou a perna e teve um infarto agudo do miocárdio, enfermidade que quase o levou a morte, Jung fala do mal e do poder e diz que o mal está no ser humano. Nesta primeira carta cita o mito gnóstico do *Anthropos* para afirmar que a 'divindade una', ao construir o homem primordial, deu-lhe a possibilidade do bem e do mal:

"Quanto ao problema do mal e do poder sempre me ocorreu que *Macht* (poder) provém de *machen* (fazer); e como 'fazer' é uma atividade específica do ser humano, pode-se concluir eventualmente que a expressão característica do ser humano traz o caráter do mal e que em consequência o *Anthropos* é realmente Lúcifer." (JUNG, 2001. p. 357).

No pós-guerra, Jung escreveu ao seu amigo Henley e narra que durante a guerra o mal chegou ao seu extremo e que de certa forma foi um aprendizado penoso para todos. Hoje vemos que a guerra não cessou nem cessará, pois o caminho da humanidade para a consciência é longo e difícil.

"Eu realmente nunca havia pensado que o homem pudesse ser tão absolutamente mau. Pensei que pudesse ser mau, tendo o mal ao menos certo caráter, mas na Alemanha o mal chegou ao extremo da perversão. Foi uma imundície de maldade, inimaginavelmente pior do que a perversidade normal. Mas como a Alemanha não está na Lua, tirei minhas conclusões com referência ao restante da humanidade." (JUNG, 2002, p. 28).

Não se pode perder a meta de que ao lidar com o Deus metafísico lida-se com a divindade que é Una. Entretanto, o parâmetro humano é a dualidade, portanto em questões como o bem e o mal vamos ter sempre duas visões, a de Deus e a do homem. Para fugir um pouco da palavra Deus pode-se usar arquétipo, que para tal fim não faria muita diferença, principalmente o arquétipo que Jung chamou de si-mesmo. Suas palavras em uma carta são:

"Quando digo 'Deus', isto é *uma imagem psíquica*. Também o *si mesmo* é uma imagem psíquica do transcendente, porque é uma totalidade indescritível e inatingível da pessoa. Ambos são expressos empiricamente pelos mesmos símbolos ou por símbolos semelhantes, de modo que não se pode distingui-los entre si." (JUNG, 2002, p. 93).

Na ocasião desta carta a Fierz, a guerra já tinha terminado há cerca de três anos e a lembrança de seus horrores ainda afloravam e de certa forma estavam muito vivos. Por isto Jung escreve sobre Neumann e lembra ao seu destinatário que ele (Neumann), como

representante de um povo está sofrendo o mal gigantesco que foi o Holocausto, com o agravante de quem já tinha presenciado uma das mais encarniçadas guerras que foi a retroativamente chamada 1ª Guerra Mundial, ou como ainda chamam hoje a "Grande Guerra".

"Devemos lembrar-nos também que Neumann é judeu e por isso conhece o cristianismo a partir de fora; e além do mais é preciso saber que foi demonstrado aos judeus de modo muito drástico que o mal 'sempre é projetado'." (JUNG, 2002, p. 124).

Nesta carta Jung lembra que foi buscar em São Tomás de Aquino uma explicação melhor para a *privatio boni* e seus silogismos conseqüentes onde o mal é muito minimizado ou até anulado. Infelizmente não encontrou lá nada confortante, como não iria encontrar em nenhum nome da patrística católica. Aborda o fato psicológico de que para o ser humano, que vê o mundo pelo seu eu em formação, bem e mal não passam de mais duas metades de uma sizígia e como tal têm pesos iguais. Em seqüência lembra o fato histórico do demônio e o inferno não serem uma criação recente e sim algo que acompanha a humanidade.

"Também mergulhei em Sto. Tomás, mas não me senti refrescado com isso. Todos desconsideram o fato de que o bem e o mal são as metades equivalentes de um julgamento lógico. Todos se omitem também de discutir a eternidade do demônio, do inferno e da condenação, coisas que certamente não são *μη ον*⁷, nem são boas (isto é, boas apenas para os espectadores celestes)." (JUNG, 2002, p. 147).

A seguir Jung tenta explicar porque foi sarcástico em uma missiva anterior e como o sarcasmo atua no lugar do pecado para que ocorra uma libertação do Pai, assim como o jovem deve se libertar dos seus pais terrenos para que possa concluir sua jornada na terra. O pecado vem do grego 'harmatia' e tem o significado primitivo de 'errar o alvo'. De certa maneira quando o sarcasmo é usado, o alvo não está sendo alcançado, pois não está sendo objetivado. O pecado é a necessidade do ser humano de ir contra a divindade para com isto ter a chance de compreendê-la e saber que nunca será como ela.

"Talvez seja mais difícil libertar-se do bem do que do mal. Mas sem o pecado não há libertação do bom Pai; neste caso o sarcasmo desempenha o papel correspondente." (JUNG, 2002, p. 204).

Deve-se perguntar então se um arquétipo sabe o que é bem e mal, se sabe o que é mau ou bom para o ser humano. Acredita-se que o arquétipo tenha os dois dentro de si e os use indiscriminadamente sem se importar como tal. Seres humanos possuem a visão dualista bom x mau, bem x mal, claro x escuro, gosto x não gosto e, assim, tendem a classificar tudo a sua volta. Mesmo quando são extremamente unilaterais, estão agindo num sistema dualista em

⁷ Grego, significa não ser.

que o outro pólo não está sendo considerado no momento. Nas palavras de Jung para o pastor White, aliás, a segunda de uma série de importante comunicação.

"Simplesmente não sabemos como os opostos estão reconciliados ou unidos em Deus. Também não entendemos como estão unidos no si-mesmo. O si-mesmo é transcendental e só parcialmente consciente. Empiricamente ele é bom e mau. Assim como os 'atos de Deus' tem indiscutivelmente aspectos contraditórios. Mas este fato não justifica o julgamento teológico de que Deus seja bom ou mau. Ele é transcendental, assim como o si-mesmo, e por isso não está sujeito à lógica humana." (JUNG, 2002, p. 227).

Jung destaca aqui um dos perigos da *privatio boni* que perdura até os dias de hoje: o menosprezo do mal alegando ser ele a ausência do bem. Segundo a teoria de Jung quando desprezamos um lado de uma bipolaridade o outro cresce como uma sombra e em dado momento explode com sua presença avassaladora. Jung volta aqui com a problemática de que o ser humano só sabe lidar com os opostos ou ele transforma o Uno em polaridade ou o ignora.

"Do ponto de vista prático, a doutrina da *privatio boni* é moralmente perigosa, porque torna pequeno e irrealiza o mal; e desse modo também diminui o bem, pois tira-lhe o seu oposto necessário: não há branco sem preto, direita sem esquerda, em cima sem embaixo, calor sem frio, verdade sem erro, claridade sem escuridão, etc." (JUNG, 2002, p. 235).

Nesta outra carta ao padre White, Jung ressalta que o modo de se ver a divindade irá com certeza definir a substancialidade do mal, mas mantém sempre a posição do mal como ser oposto a divindade, se considerá-la sumamente boa.

"O ponto crucial parece estar na contaminação das duas noções incongruentes de Deus e de ser. Se o senhor supõe, como eu suponho, que Deus é um juízo moral e não substancial em si mesmo, então o mal é o seu oposto e tão não substancial como o primeiro. Mas se o senhor supõe que Deus é ser, então o mal nada mais pode ser do que não-ser." (JUNG, 2002, p. 246).

Aqui Jung é taxativo em mostrar a realidade do mal e chega a denominar o demônio como uma entidade, que pode às vezes possuir o ser humano. É claro que essa possessão é pelo inconsciente pessoal do indivíduo e devidamente alimentado pelo inconsciente coletivo. Como acima, não se pode pensar o mal como um ser, senão o bem seria a ausência do mal e fica-se preso a uma doutrina dogmática que poderia ser chamada de "*privatio malum*"⁸.

"O demoníaco, ao contrário, baseia-se no fato de que há forças inconscientes de negação e destruição e de que o mal é real. Reconhece-se por exemplo o demoníaco não só porque práticas de magia negra são possíveis mas também porque possuem um efeito sinistro, e

⁸ Em latim, significa privação do mal.

poderíamos supor até que o praticante da magia negra estivesse possuído por um demônio." (JUNG, 2002, p. 256).

Na carta para a psicóloga Robb, Cartas II, p. 267, Jung só toca no assunto do mal, não declarando nada que possa ser acrescentado ao presente trabalho.

Mais uma carta inesquecível de Jung para o padre White. De uma maneira contundente mostra a um clérigo os dois lados da divindade, assunto este, que tinha sido o tópico principal do seu livro editado no ano anterior, "Resposta a Jó". Reforça também a subjetividade do ser humano em distinguir entre o bem e o mal e até a flutuar entre eles. Jung coloca Javé como a divindade suprema contrariando o que já sabia de seus estudos gnósticos, pois parece que não queria chocar em demasia o seu querido amigo já tonto com a leitura de "Resposta a Jó".

*"Cristo como um símbolo está longe de ser inválido, ainda que ele seja um lado do si-mesmo e o demônio seja o outro. Este par de opostos está contido no Criador como sua mão direita e esquerda, como diz Clemente Romano. Do ponto de vista psicológico, a experiência de Deus criador é a percepção de um impulso irresistível, provindo da esfera do inconsciente. Não sabemos se esta influência ou compulsão merece ser chamada de boa ou ruim, mesmo que não possamos deixar de saudá-la ou amaldiçoá-la, dando-lhe um nome bom ou mau, de acordo com a nossa disposição subjetiva. Javé possui os dois aspectos porque é essencialmente o criador (*primus motor*) e porque ainda é irrefletido em toda sua natureza."* (JUNG, 2002, p. 304).

Enquanto o ser humano não for capaz de entender que o seu modo de ver o mundo foi feito para distinguir e vivenciar os opostos e, que com certeza um deles não vai ser bom - pelo menos num dado momento - não poderá caminhar para o passo seguinte; entender que a divindade precisa dele e sem ele não realiza os seus desígnios.

"É exatamente isto que S. João da Cruz descreve como 'a noite escura da alma'. É o predomínio da escuridão, que também é Deus, mas uma provação para a pessoa humana. A divindade tem um duplo aspecto; e, segundo o Mestre Eckhart, Deus não é feliz em sua mera divindade, e este é o motivo de sua encarnação." (JUNG, 2002, p. 305).

Quando o problema é social, Jung preocupa-se com a sombra coletiva, e é um pouco pessimista, principalmente porque as conseqüências da guerra ainda ressoavam na Europa. Ainda assim lembra ao ser humano a sua necessidade básica de imitar o simbolismo de Cristo, no seu caminho para enfrentar Satanás e também para colher os louros de 'passear sobre as águas'. Acrescenta que ele precisa entender que cada caminho percorrido apenas abre mais uma porta para mais um caminho a ser percorrido, e nenhum deles é asfaltado.

*"Na verdade, nossa sociedade nem começou a defrontar-se com sua sombra e nem a desenvolver aquelas virtudes cristãs tão urgentemente necessárias para lidar com as forças da escuridão. Nossa sociedade não pode dar-se o luxo de separar-se da *imitatio Christi*, mesmo que soubesse que o *conflito com a sombra, isto é, Cristo contra Satanás, é apenas o primeiro**

passo no caminho para o objetivo mais distante da unidade do si-mesmo em Deus." (JUNG, 2002, p. 305).

Na carta enviada a Neumann, Cartas II, p. 317, só existe uma referência a *privatio boni* e às colocações de Martin Buber, sem nenhuma idéia que possa ser aproveitada aqui.

Para um teólogo holandês, Jung defende-se das acusações que sofreu com a publicação de seu livro 'Resposta a Jó' e entra no assunto polêmico, até os dias de hoje, que é a manipulação da igreja para contornar a dualidade de um deus judeu que nos parece mais um deus secundário do que o Deus único, a Mônada.

"Concordo com o senhor que minhas afirmações (em *Resposta a Jó*) são chocantes, mas não mais, e até bem menos, do que as manifestações da natureza demoníaca de Javé no AT. Os midraxes sabem disso, mas a igreja cristã precisou inventar este espantoso silogismo da *privatio boni* para anular a ambivalência original do Deus judeu." (JUNG, 2002, p. 323).

Um ponto central na teoria junguiana, feita de avaliações empíricas, é a necessidade básica de cada ser humano conhecer os opostos que habitam dentro de si, principalmente o bem e o mal.

"Esta diferenciação moral é um passo imprescindível no caminho da individuação. Sem profundo conhecimento do 'bem e do mal', do eu e da sombra, não existe conhecimento do si-mesmo, mas no máximo uma identificação arbitrária e, por isso, perigosa com ele." (JUNG, 2002, p. 325).

Em 10 de abril de 1954 Jung escreveu uma longa carta ao padre Victor White. Colocá-la aqui em toda sua extensão extrapola a limitação de uma monografia, portanto serão pinçados alguns trechos representativos; estratégia que também será adotada em outras cartas mais longas. Um trecho importante fala da sombra de Cristo e remete o padre White na tentativa de compreender que o si-mesmo, por ser único, contém a dualidade.

"Eu diria que Cristo conhecia sua sombra-Satanás - que ele afastou de si logo no início de sua carreira. O si-mesmo é uma unidade, consistindo porém de duas, isto é, de opostos, caso contrário não seria uma totalidade. Cristo se divorciou conscientemente de sua sombra." (JUNG, 2002, p. 334).

Logo adiante, Jung apresenta certa evolução da divindade quando o ciúme é revelado para o ser humano. O povo judaico então percebe que a divindade traz a dualidade indistintamente e a história de Jó⁹ vem nos contar exatamente isto.

"Foi um grande passo à frente quando Javé se revelou um Deus *ciumento*, fazendo seu povo escolhido saber que ele estava por trás dele com bênção e punição, e que o objetivo de Deus

⁹ Um dos livros do Velho Testamento.

era o ser humano. Não sabendo proceder melhor, eles o enganavam obedecendo literalmente à sua lei." (JUNG, 2002, p. 335).

Para o ser humano é uma grande dificuldade lidar com o absoluto, seja ele o bem ou o mal. Cristo deu o exemplo há 2000 mil anos atrás, ao lidar com sua sombra em forma de demônio. Este lidar não é sumir com a sombra, sumir com o mal, escondendo-o, e sim interagir com ele para fazer a consciência surgir a cada momento. Os opostos não podem ser unidos no ser humano, isto só acontece na divindade. O homem precisa oscilar de um oposto ao outro, sem parar e, no máximo aproximá-los para que a distância se torne menor, já que a fusão só acarretaria a aniquilação.

"Agora deve começar uma nova síntese. Mas como pode o mal absoluto ser conectado e identificado com o bem absoluto? Parece impossível. Quando Cristo resistiu à tentação de Satanás, este foi o momento fatal em que a sombra foi cortada. Mas ela deveria ser cortada de forma tal a possibilitar ao homem tornar-se moralmente consciente. Se os opostos morais pudessem ser unidos de todo, eles seriam neutralizados e já não haveria moralidade alguma. Certamente não é isto que a síntese quer." (JUNG, 2002, p. 336).

Jung continua na mesma carta ao padre White a tratar do problema da dualidade e coloca com maestria a importância do simbólico para que a função transcendente atue entre os opostos. A cruz representa dois opostos na posição norte e sul e mais dois opostos na posição leste e oeste. O primeiro faz a ponte do divino com o humano, ao qual Jung se referiu ao falar das folhas e das raízes das árvores. Os braços da cruz ligam o ocidente ao oriente no mesmo plano, na busca pela irmandade que faz de nós iguais pelo simples fato de sermos individuais.

"Num tal caso de irreconciliabilidade, os opostos estão unidos por uma ponte neutra ou ambivalente, um símbolo que expressa ambos os lados de tal forma que eles podem funcionar juntos. Este símbolo é a cruz em sua interpretação tradicional como a árvore da vida ou simplesmente como a árvore em que Cristo está preso sem poder fugir. Esta característica especial indica o sentido compensador da árvore: a árvore simboliza aquela entidade da qual Cristo foi separado e com a qual deveria ser conectado novamente para tornar completa sua vida ou seu ser. Em outras palavras, o *crucificado* é o símbolo que une os opostos morais absolutos. Cristo representa a luz; a árvore, a escuridão; ele é o filho, a árvore é a mãe. Ambos são andróginos (árvore = falo). Cristo está tão identificado com a cruz que os dois termos se tornaram quase intercambiáveis na linguagem eclesiástica (por exemplo: 'redimido por Cristo ou pela cruz', etc.). A árvore traz de volta tudo o que foi perdido pela extrema espiritualização de Cristo, principalmente os elementos da natureza. Através de seus ramos e folhas, a árvore reúne as forças da luz e do ar; e, por meio de suas raízes, reúne as forças da terra e da água." (JUNG, 2002, p. 336).

Na data desta carta Jung ainda estava impressionado com as duas bombas atômicas jogadas no Japão em 1945, assustado com a Guerra da Coreia, de fim recente e sempre bombardeado com as notícias da desenfreada corrida armamentista dos EUA e URSS, na

Guerra Fria. Frente a estes fatos, Jung lembra que o poder divino de manipular os átomos e a radiação já estava nas mãos do homem e podia ser usado a qualquer momento para a aniquilação total. O poder adquirido pela manipulação atômica dá a falsa impressão ao homem de poder ser Deus e, de certa maneira, de que Deus pudesse ser homem.

"Isto é um mistério terrível e de difícil compreensão, pois significa que o ser humano será essencialmente Deus, e Deus essencialmente ser humano. Os sinais que apontam nessa direção consistem no fato de que o poder cósmico de autodestruição é posto nas mãos dos homens, e o homem assume a natureza dúplice do Pai. Ele a compreenderá mal e estará tentado a destruir toda a vida da terra pela radioatividade. O materialismo e o ateísmo - a negação de Deus - são meios indiretos para atingir este objetivo. Negando Deus, o homem se deifica, isto é, fica tão poderoso como Deus e sabe o que é bom para a humanidade. É assim que começa a destruição. Os mestres-escola intelectuais do Kremlin são exemplo clássico disso. É grande o perigo de seguir o mesmo caminho. Ele começa com a mentira, isto é, a projeção da sombra."

"Há necessidade de pessoas que conheçam sua sombra, pois precisa haver pessoas que não projetem. Deveriam estar numa posição visível, onde seria de se esperar que projetassem, mas inesperadamente elas não projetam! Poderiam dar um exemplo visível, que não seria visto se elas fossem invisíveis." (JUNG, 2002, p. 337).

De fato Jung combatia ferozmente a teoria do *summum bonum*¹⁰ e aqui vamos encontrar o assunto discutido mais uma vez com destaque, para mostrar que esvaziar o mal de uma substância não vai fazer a humanidade ficar melhor.

"Isto é compreensível em termos de sua natureza paradoxal, mas não em termos do *summum bonum* que, por definição, já contem todo o necessário para sua perfeição. Por isso ele também não precisa das pessoas, ao contrário de Javé. Tenho de questionar a doutrina do *summum bonum* na medida em que μη ον¹¹ do mal tira deste qualquer substância e só deixa o bem, ou simplesmente nada, o qual, sendo nada, também nada produz, isto é, não pode causar o mínimo impulso mau. E, como não é nada, também não pode provir do ser humano. Além disso, o demônio *existiu* antes do homem, e certamente não foi bom. Mas o demônio não é *nada*. Portanto, o oposto do bem não é nada, mas sim um mal igualmente real." (JUNG, 2002, p. 404).

Cristo desceu ao inferno e lutou com o diabo, vencendo-o, mas isso não quer dizer que o diabo tenha sido eliminado ou suprimido do mundo. Pelo contrário, ele aparece cada vez mais nas artes e na literatura. Nesta carta aparece um dilema crucial que vai ser desenvolvido na conclusão do trabalho: devemos ser maus ou bons? Devemos ser igualmente bons e maus? Devemos conscientizar o nosso mal e assim não precisar fazê-lo no nosso cotidiano? Como devemos nos comportar na vida prática frente a este problema secular?

"(...) No símbolo de Cristo está certamente sugerida a vitória sobre o mal, através da descida aos infernos e abertura da prisão. Mas nunca se ouviu dizer que, depois disso, o demônio

¹⁰ Em latim, significa totalmente bom.

¹¹ Grego, significa não ser.

tivesse abandonado de alguma forma a vida terrestre; ao contrário, é opinião aceita no Novo Testamento que ele, após o reinado de mil anos de Cristo, será solto novamente sobre a terra em todo seu frescor juvenil, na forma do Anticristo. Também, como a senhorita diz muito bem, uma luz forte é o melhor projetor de sombras, supondo-se que fora dele exista algo que possa projetar sombra. Até mesmo os santos projetarão sombra. Também não se sabe se haveria mais bem do que mal, ou que o bem seria mais forte do que o mal. Só podemos esperar que o bem predomine. Quando identificamos o bem com o construtivo, existe a possibilidade de que a vida continue numa forma mais ou menos suportável; mas se o destrutivo predominasse, o mundo já teria desaparecido. Isto não aconteceu ainda; podemos supor então que o positivo supera o negativo. Por isso é suposição otimista da psicoterapia que a conscientização acentua mais a existência do bem do que do mal obscurecedor. A conscientização é de fato uma reconciliação dos opostos e constitui assim um terceiro mais elevado." (JUNG, 2002, p. 421).

A privação do mal que foi tão bem realçada por Santo Agostinho é novamente colocada nestas páginas, só que agora para um teólogo protestante que como tantos outros ou fugiam do problema ou faziam afirmações repetitivas que atualmente não convencem nem a uma criança de 6 anos.

"O protestantismo se defronta com questões que algum dia devem ser ditas em voz alta como, por exemplo, o abominável sofisma da *privatio boni*, que até mesmo teólogos protestantes estão dispostos a subscrever. Ou a questões da relação entre o Deus do Antigo e do Novo Testamento, que eu submeti a quatro professores acadêmicos. Dois nem sequer me responderam." (JUNG, 2002, p. 444).

Mais uma carta da qual é preciso colocar uma parte mais extensa. Em primeiro lugar porque Jung responde sobre a gênese de seu livro tardio e polêmico, demonstrando sem dúvidas quanto tempo esta questão do bem e do mal foi ruminada por ele e só em 1952 veio a público, quando Jung tinha 77 anos de idade. Em segundo lugar pela recorrente colocação de que a *privatio boni*¹² não encontra respaldo na psicologia profunda e nas observações empíricas com seus pacientes. Nesta época Jung já tinha 55 anos de formado e de atuação como clínico.

"Seu pedido de contar-lhe como *Resposta a Jó* chegou a ser escrito coloca-me diante de uma tarefa difícil, porque a história deste livro não pode ser contada em poucas palavras. O problema central dessa obra ocupou-me por anos. Muitas e diferentes fontes alimentaram a torrente de suas reflexões, até que um dia - e após longa consideração - o tempo parecia maduro para colocá-las em palavras."

[...]

"Ligada à discussão desses problemas e à doutrina da redenção, critiquei a idéia da *privatio boni* como não condizente com os conhecimentos psicológicos. A experiência psicológica mostra que tudo o que chamamos 'bom' é contrabalançado por um 'mal' igualmente substancial. Se o 'mal' é μη ον¹³ - não existente - então tudo o que existe deve ser 'bom'. Dogmaticamente nem 'bom', nem 'mal' podem ser derivados do ser humano, pois o

¹² Em latim, significa privação do bem.

¹³ Grego, significa não ser.

'Malévolo' existiu antes do ser humano como um dos 'filhos de Deus'. A idéia da *privatio boni* começou a ter um papel na Igreja só depois de Mani. Antes dessa heresia, Clemente Romano ensinou que Deus governa o mundo com uma mão direita e outra esquerda, sendo a direita Cristo e a esquerda, Satanás. A posição de Clemente é claramente *monoteísta*, pois une os opostos num só Deus." (JUNG, 2002, p. 447).

O ser humano continua com a visão dualista que lhe é própria e com ela interpreta e tenta entender os arquétipos, a divindade, o diabo. Mas quando tenta entender algo que está acima dele e é Uno, não pode chegar a nenhuma conclusão e só lhe resta a ansiedade e a angústia. Para a divindade única e metafísica não há consideração sobre o bem e o mal e Ele nos envia sua totalidade sem distinção. Quando o homem gosta de alguma coisa, chama de bem e, quando não, de mal.

"A amoralidade de Javé, ou sua notória injustiça, transforma-se na exclusiva bondade de Deus apenas na encarnação. Esta transformação está ligada ao seu tornar-se pessoa humana e só existe *enquanto concretizada através do cumprimento consciente da vontade de Deus no ser humano*. Se isto não se realizar, revela-se não apenas a amoralidade do criador, mas também sua inconsciência, isto é, acontece irrefletidamente o bem e o mal, ou, em outras palavras, não há bem ou mal, mas apenas um acontecer indiferente, que os budistas chamam de corrente *nidana*, ou seja, a ininterrupta concatenação causal que leva ao sofrimento, à velhice, à doença e à morte." (JUNG, 2003, p. 33).

Nesta longa carta escrita para a doutora Kotsching, o primeiro destaque se dá para a percepção dualista que o homem possui do mundo e também de sua única arma de observação que é a consciência sendo precedida pelos 5 sentidos. Jung afirma de certa maneira que o mundo ainda está em construção e que o Deus que o construiu não tinha muita consciência de sua criação.

"A senhora sabe que nós seres humanos somos incapazes de explicar qualquer coisa que acontece fora ou dentro de nós mesmos sem o emprego dos meios intelectuais à nossa disposição. Sempre temos de usar elementos psíquicos semelhantes aos fatos que acreditamos ter observado. Por isso, quando tentamos explicar como Deus criou seu mundo ou como se comporta em relação ao mundo, a analogia que usamos é a maneira como nosso espírito criativo produz e se comporta."

"Quando consideramos os dados da paleontologia de que um criador consciente tenha levado talvez mais que um bilhão de anos para criar a consciência, parece-nos que ele percorreu infintos desvios; e se quisermos explicar seu agir, chegamos inevitavelmente à conclusão de que seu comportamento é muito semelhante ao de um ser com, no mínimo, uma consciência bem limitada. Mesmo tendo consciência das coisas existentes e dos próximos passos a dar, parece não ter previsão do objetivo final, nem conhecer os caminhos que levam diretamente a ele. Portanto, não seria uma inconsciência absoluta, mas uma consciência mais fraca. Semelhante consciência levaria inevitavelmente a inúmeros erros e impasses, com as mais cruéis conseqüências: doença, mutilação, lutas terríveis, isto é, exatamente as coisas que aconteceram e estão acontecendo em todos os campos da vida. Além do mais, é impossível para nós imaginar que um criador, produzindo um universo do nada, estivesse consciente de alguma coisa, pois todo ato de conhecimento se baseia no discernimento; assim, por exemplo, não posso ter consciência de outra pessoa se eu for idêntico a ela. Se não existe

nada fora de Deus, então tudo é Deus e, neste caso, é impossível o autoconhecimento." (JUNG, 2003, p. 34).

O homem foi criado para que, através dele, a consciência fosse estabelecida gradativamente e, com isto, o mundo continuasse em constante aperfeiçoamento. Um Deus vai ser tão bom em função da bondade adquirida por poucos seres humanos. O autor acredita que foi o que aconteceu com Santo Agostinho. Ele se julgava um homem bom e projetou sua bondade na divindade. Por fim Jung usa o mito de Adão e Eva e as suas expulsões do Paraíso para demonstrar que só depois do conhecimento é que o bem e o mal aparecem, seguindo-se sua conseqüente separação.

"Ainda que a encarnação divina seja um acontecimento cósmico e absoluto, ela se manifesta empiricamente apenas naqueles poucos indivíduos, capazes de consciência suficiente para tomar decisões éticas, isto é, de decidir-se pelo bem. Por isso, Deus só pode ser chamado bom na medida em que é capaz de manifestar sua bondade nos indivíduos. Sua qualidade moral depende dos indivíduos. Eis a razão por que se encarnou. A individuação e a existência individual são indispensáveis para a transformação do Deus criador."

"O conhecimento do que é bom não é dado *a priori*; pressupõe uma consciência que saiba discernir. Este já é o problema no Gênesis, onde Adão e Eva precisam primeiro ser esclarecidos para reconhecer o bem e discerni-lo do mal. Não existe algo como o 'bem' em geral, pois algo absolutamente bom pode ser absolutamente mau em outro caso. Os indivíduos são muito diferentes, seus valores são diferentes e suas situações variam tanto que não podem ser julgados por valor e princípios gerais. Por exemplo, a generosidade é sem dúvida uma virtude, mas torna-se vício tão logo seja aplicada a um indivíduo que a compreende mal. Neste caso deve haver discernimento consciente." (JUNG, 2003, p. 36).

Ao escrever esta carta para E. Neumann Jung fez colocações de tal importância que fica difícil encurtar seu pensamento, principalmente num tema tão discutido nos dias de hoje como a ética. Começa a dissertação com a refutação da suposta liberdade do ser humano para escolhas, e aqui se pode admitir que, na realidade tem-se a liberdade de escolher os padrões, mas sempre vamos ter um. Os gregos já haviam percebido que a ética já está dentro de nós, pois a palavra "ethos" quer dizer em grego antigo "morada do homem", conforme se observa em Murachco (1997, p. 32).. Este tema também vai ser mais desenvolvido na conclusão da monografia. No texto abaixo as palavras de Jung para seu amigo em Israel.

"O mal é e sempre será aquilo que não se deve praticar, como se sabe. Mas infelizmente o ser humano se sobreestima a este respeito: pensa que é livre para escolher entre o bem e o mal. Ele pode imaginar isto, mas, em vista da magnitude desses opostos, é pequeno e impotente demais para escolher livremente e em qualquer circunstância um ou outro. Acontece antes o seguinte: por razões mais fortes do que ele, pratica ou não o bem que gostaria, da mesma forma como o mal lhe sobrevém como uma desgraça."

"Ética é aquilo que torna impossível ao ser humano praticar intencionalmente o mal e o força - muitas vezes com pouco êxito - a fazer o bem. Isto significa que ele pode fazer o bem e não pode evitar o mal, ainda que sua ética o leve a testar as forças de sua vontade neste sentido. Na verdade ele é a vítima dessas forças. Precisa admitir que não consegue evitar de todo o

pecado, mas, por outro lado, tem a esperança de poder fazer o bem. Mas como o mal é inevitável, nunca sairemos completamente do pecado, e isto é um fato que precisa ser reconhecido. Ele enseja não apenas uma ética nova, mas considerações éticas diferenciadas, como a pergunta: como agir diante do fato de que não posso livrar-me do pecado? A instrução, contida no lógion de Cristo 'Se sabes o que fazes...', indica um caminho para a solução ética do problema: eu sei que não quero o mal, mas faço-o assim mesmo, não por escolha própria, mas porque me acomete irresistivelmente. Enquanto pessoa humana sou fraco e combalido, de modo que o mal consegue dominar-me. Sei que o faço e o que fiz, e sei que durante minha vida toda estarei no tormento dessa contradição. Evitarei o mal onde puder, mas cairei sempre de novo neste buraco. Eu me esforçarei, porém, para viver como se este não fosse o caso; farei das tripas coração para agradar o Senhor, como o administrador infiel que intencionalmente apresentou um balanço falsificado." (JUNG, 2003, p. 82).

Numa carta dirigida a um pastor inglês, Jung especifica o mal como real e pertencente ao todo, ao divino e, portanto, pronto a assolar qualquer homem na face da terra. Na mesma carta, fala do mal surgindo com a consciência e, logo o mal como parte integrante da humanidade e que dele não pode se livrar. Logo abaixo, reforça que do mal em si não consegue falar, só do mal subjetivo e, destaca a dualidade do próprio mal, um mal puro, real, ligado ao divino e um mal misturado nas projeções humanas, um mal irreal e subjetivo que pode se transformar em bem a qualquer momento.

"A 'queda', por exemplo, corresponde à experiência de que toda pessoa se desvia desde o início do caminho prescrito. Sou tentado e até mesmo possuído sempre de novo por forças do mal (como São Paulo), e o pecado se mistura *nolens volens* ao meu pão de cada dia [...]"

"Quando falo do 'pecado original' entendo aquilo que a doutrina da Igreja chama de *peccatum originale*, o pecado de Adão, isto é, a desobediência do ser humano. Ela se mostra claramente na vida de cada um como desvio inevitável do estado de graça, onde ainda não tinha havido pecado [...]"

"Evidentemente sou incapaz - como qualquer outra pessoa - de definir o que é o mal em si. Não há nada que às vezes não possa ser chamado de mal. É uma qualificação subjetiva, apoiada num consenso mais ou menos geral. O desvio do nome parece ser entendido universalmente como o pior e mais original pecado." (JUNG, 2003, p. 87).

Aqui, Jung contesta a subscritora quanto à facilidade de praticar o bem devido às benesses alcançadas por esta prática. Por outro lado dá vida própria ao mal como um ser a se intrometer na vida do ser humano e a desviá-lo de seu caminho. Coloca a resposta na busca da consciência e de certa forma na compreensão do inevitável. Encerra o parágrafo com a colocação de que bem e mal são conceitos humanos e que nunca vão desaparecer e, termina com a sugestão, para a leitora, de que o ideal está no caminhar do ser humano, sempre na busca da compreensão da divindade última e suprema.

"Sua pergunta - por que é mais difícil praticar o bem do que o mal - não está bem colocada, porque normalmente é mais fácil praticar o bem do que o mal. É verdade que nem sempre é fácil fazer o bem, mas as conseqüências de 'praticar o bem' são muito mais agradáveis do que as de 'praticar o mal', de modo que com o tempo a gente faz o bem e evita o mal por simples

razão prática. É claro que o mal se intromete em nossa boa intenção e, para tristeza nossa, nem sempre pode ser evitado. A tarefa então é compreender por que isto é assim e como pode ser suportado. Em última análise, bom e mau são julgamentos humanos; o que é bom para alguém é mau para outro. Mas com isso não ficam abolidos o bem e o mal; este conflito está presente sempre e em toda parte e está relacionado com a vontade de Deus." (JUNG, 2003, p. 101).

A conjunção divina é para ser sentida e experienciada pois, quando é transformada em palavras projetivas, apresenta uma série de equívocos. O que chega para nós não é o arquétipo em si - senão seríamos queimados qual Sêmele por Zeus - e, sim, uma figuração do seu ser e com ela devemos tentar compreender o todo que contém a polaridade em harmonia. Como o ser humano usa os opostos em confrontação, assim ele julga que a divindade também o usa. Jung deixa este assunto bem claro em uma exposição magnífica e vale a pena ler sua narrativa na seleção dos três trechos abaixo.

"A descrição da *coniunctio* em palavras humanas é tarefa que pode levar ao desespero, pois se está obrigado a encontrar expressões e formulações para um processo que ocorre 'in Mercurio' e não no plano do pensamento e linguagem humanos, isto é, não na esfera da consciência discernente. Do lado de cá da barreira epistemológica temos de separar os opostos para chegar a uma linguagem compreensível."

"[...] O fato é que as figuras atrás da cortina epistemológica, isto é, os arquétipos, são uniões 'impossíveis' de opostos, seres transcendentais que só podem ser percebidos através da confrontação com seus opostos. Bom só pode ser entendido como 'não mau', dia como 'não noite', etc."

"[...] Uma vez que a *coniunctio* é um processo essencialmente transcendental, isto é, arquetípico, e a nossa atitude mental é ainda essencialmente cristã, enfatizamos o Espírito, o Bem, a Luz, o Acima, o espiritualizado, isto é, o sutil, a pureza, a castidade, etc. e separamos tudo isso de seu oposto; contudo somos forçados a mencioná-lo, mesmo que para negá-lo, desprezá-lo ou condená-lo. O oposto está ali porque ele pertence inevitavelmente à realidade transcendental, arquetípica. O bem não pode existir sem o mal [...]" (JUNG, 2003, p. 111).

Ao escrever esta outra carta para Trinick, Jung disserta sobre a metodologia da alquimia que no fundo admite a *coniunctio oppositorum*¹⁴. Destaca-se que a alquimia não era ingênua de acreditar numa fusão dos opostos com uma aniquilação, ou seja, uma sobreposição. De certa forma a busca dos alquimistas pela pedra filosofal, que lembra uma busca de Cristo é uma busca pela aproximação dos opostos. Se o ser humano tentar converter um oposto achando que o outro é melhor, com certeza estará brincando de Deus e queimar no fogo é uma consequência inevitável.

"Assim procedendo, a alquimia chegou a um resultado que na verdade não coincide com o objetivo cristão. Por isso o símbolo cristão ficou sendo mais ou menos uma analogia da pedra, ou a pedra um equivalente de Cristo. O método para este fim foi uma *coniunctio oppositorum*, que não é uma idéia cristã, pois a psicologia histórica cristã pensa antes na

¹⁴ Em latim, junção dos opostos.

supressão do mal do que numa *complexio boni et mali*. A alquimia ousou a idéia de uma certa transformação do mal com a perspectiva de sua integração futura. Neste sentido deu continuidade ao pensamento de Orígenes que, no final, até o demônio seria redimido, um pensamento não apoiado pela Igreja." (JUNG, 2003, p. 118).

Na mesma carta ocorre a tentativa de demonstrar que a alteração da figura de Cristo para a figura da pedra ou *lapis*¹⁵ é, de certa maneira, uma saída de um grupo medieval para demonstrar que em Cristo deveriam estar os opostos e que a Trindade cristã fica desequilibrada, pois falta-lhe um oposto ou melhor, este foi omitido. A sociedade é o somatório de seus indivíduos mas, quando o problema é a sombra coletiva, a psique da sociedade se nivela por baixo e lidar com a projeção de sombra de um povo é algo complicado.

"Se, pois, o pensamento alquimista coincide no essencial com a idéia cristã em geral, não se consegue ver claramente qual a finalidade de transformar o pensamento cristão nos símbolos alquimistas e por que o objetivo da alquimia é a *Lapis* e não Cristo. Por que afinal falar em *Lapis*? Mas o fato de a *Lapis* ser uma existência diferente da de Cristo mostra que a alquimia tem realmente outro objetivo em mente. Isto é óbvio uma vez que a *Lapis* deriva de uma síntese de opostos, o que o Cristo dogmático absolutamente não é. Por essas razões não posso concordar com a interpretação cristã do processo alquimista. Ao contrário, vejo na alquimia uma tentativa de solução diferente: realizar a união dos opostos que falta na doutrina histórica cristã. De acordo com isso, o espírito predominante da alquimia é *Mercurius utriusque capax* e não a terceira pessoa da Trindade, isto é, o *Summum Bonum*. Isto é um problema dos tempos modernos que projeta sua sombra desde o começo do novo milênio." (JUNG, 2003, p. 118).

Jung vem conduzindo sua carta a Kersey de modo a admitir que conhece-se pouco a divindade e a matéria, mas que temos de admitir a existência das duas. No parágrafo seguinte, transcrito abaixo, Jung ainda admite a existência do *Summum Bonum* se fosse algo inalcançável pelo ser humano. No entanto, de imediato ressalta que, também, temos de admitir que na 'realidade última' encontram-se todos os opostos do criador. Conclui ser muito difícil explicar a existência do mal com a presença de uma divindade que é totalmente boa.

"Sob essas circunstâncias é permissível admitir que o *Summum Bonum* é tão bom, tão superior, tão perfeito, mas tão remoto que está além de nossa percepção. Mas com o mesmo direito é permissível admitir que a realidade última é um ser que representa todas as qualidades de sua criação, com suas virtudes, razão, inteligência, bondade, consciência, e seus opostos - um completo paradoxo à nossa compreensão. O último ponto de vista corresponde aos fatos da experiência humana, ao passo que o primeiro não consegue explicar a existência óbvia do mal e do sofrimento." (JUNG, 2003, p. 150).

Aqui a referência não pode ser encurtada sem a lastimável perda de um conteúdo importante e também com grande sacrifício da compreensão do contexto. Jung destaca a

¹⁵ Em latim, significa pedra.

relatividade do bem e do mal e coloca o indivíduo em destaque como aquele que qualifica os opostos e de certa maneira até o espaço e tempo em que algo é bom ou mau. Apesar de uma suposta manipulação pelo homem, não se pode anular a existência deste par de opostos em sua alma, eles vão continuar a ter uma existência psicológica e, portanto, real. Jung volta aqui a uma solução ética ou arquetípica na medida em que ela já está dentro do indivíduo. Assim como ressalta - o que é uma constante em sua obra - que é sempre a partir da mudança individual que se deve começar uma mudança coletiva.

"Na verdade, é assim como o senhor diz: pode-se falar de um reservatório do bem e um reservatório do mal. Mas esta afirmação é um pouco simples demais, porque bem e mal são opiniões humanas e, por isso, relativas. O que é bom para mim pode ser mau para outro e vice-versa. Apesar de bem e mal serem relativos e, portanto, não válidos em geral, o contraste existe e eles constituem um par de opostos fundamentais para a estrutura de nossa mente. A oposição bem-mal é uma experiência universal, mas sempre é preciso perguntar: de quem é a experiência? Isto é uma grande dificuldade. A situação seria simples se pudéssemos fazer afirmações gerais sobre o bem e o mal. Poderíamos nesse caso designar com precisão as coisas boas e as más. Mas, como isto não acontece, coloca-se a questão do indivíduo humano. O indivíduo é o fator decisivo, pois é ele que declara uma coisa como sendo boa e outra como sendo má. Não importa o meu julgamento ou de outra pessoa qualquer; é exclusivamente o indivíduo em questão que decide se uma coisa é boa ou má para ele. Por isso nossa atenção deve voltar-se para o indivíduo que decide e não para o problema do bem e do mal, que não podemos resolver para os outros."

"Esta é a razão por que não se pode falar a nações inteiras o que é bom para elas. Só podemos encorajar o indivíduo a tomar decisões éticas, esperando um consenso geral. O que uma nação toda faz é sempre o resultado daquilo que muitos indivíduos fizeram. Também não se pode educar uma nação. Só é possível ensinar ou mudar o coração do indivíduo. É verdade que uma nação pode ser convertida para coisas boas ou más, mas neste caso o indivíduo está agindo meramente sob uma sugestão ou sob a influência da imitação e, por isso, seus atos não têm valor ético. Se não se muda o indivíduo, nada é mudado. Isto ninguém gosta de ouvir; e, porque é assim, minhas sugestões de auxílio não entram no ouvido de uma nação. Diz-se que não são populares. Em outras palavras, não concordam com o gosto do povo. Ele as porá em prática quando todos as praticarem. E cada um espera que o outro seja o primeiro a agir. Por isso ninguém começa. Somos por demais modestos, preguiçosos ou irresponsáveis para admitir que podemos ser os primeiros a fazer a coisa certa. Se todos sentissem a mesma coisa, haveria ao menos uma grande maioria de pessoas pensando que a responsabilidade é coisa boa. Sob essas circunstâncias os piores males da humanidade já teriam sido resolvidos. (...)" (JUNG, 2003, p. 172).

Esta carta enviada ao pastor Tanner é uma daquelas longas cartas - com Jung bem amadurecido e já perto da morte - que dá vontade de colocar inteira. Como não é possível fazê-lo, o jeito é contentar-se com pequenos trechos mais significativos, como o primeiro que mostra Jung incomodado com a guerra fria e o fortalecimento de uma 'cortina de ferro', que sempre foi um prenúncio de uma Terceira Guerra Mundial - para quem já tinha visto duas grandes guerras. No segundo parágrafo lamenta um mundo ainda pouco consciente e lembra que os mitos de criação são mitos de criação da consciência. Para quem já viu o século XXI

entrar, a descrença poderia ser maior se não for entendida sua mensagem de que as coisas vão caminhar assim para sempre. É uma carta para ser colada no espelho do banheiro.

"A razão desse fenômeno singular eu a vejo no fato de as pessoas estarem um tanto *cansadas de crer* e esgotadas pelo esforço de terem que aderir a idéias que não entendem muito bem e que portanto lhes parecem indignas de fé. Esta dúvida é reforçada pelos acontecimentos de nossa época. Acontecem coisas perante as quais o público se pergunta: é possível que um mundo, onde isto acontece, seja governado por um Deus bondoso, um *Summum Bonum*? Nosso mundo desmorona inclusive por estar dividido em duas partes por uma cortina de ferro. Numa das partes a atividade religiosa é desencorajada e oprimida, sendo o 'príncipe da mentira', o diabo, que na nossa metade perdeu toda substância ao evaporar-se numa simples *privatio boni*, foi elevado, por razões de Estado, ao princípio supremo da ação política. Esses fatos têm uma conseqüência altamente sugestiva sobre os cristãos que professam a fé coletiva. Sempre que uma *crença* é preferida, exigida ou esperada, aumenta infalivelmente a *dúvida* e, assim, nasce uma vulnerabilidade da fé em alguns pontos determinados."

[...]

"Por mais de 100 anos o mundo se viu confrontado com o conceito de um inconsciente e por mais de 50 anos, com um estudo empírico dele; mas só poucas pessoas tiram as devidas conclusões. Ninguém percebeu que sem uma psique reflexiva não há mundo e que, por conseguinte, a consciência é um segundo criador do mundo. Os mitos cosmogônicos não descrevem o início absoluto do mundo, mas o surgimento da consciência como a segunda criação."

[...]

"Se estes arquétipos - conforme denominei os fatos preexistentes e preformadores da psique - forem considerados como 'simples' instintos ou como demônios e deuses, isto em nada altera o fato de sua presença atuante. Mas faz grande diferença se os subvalorizarmos como 'simples' instintos, ou os supervalorizarmos como deuses." (JUNG, 2003, p. 193).

Mais uma vez, Jung aborda com clareza a sizígia do bem e do mal e a condição básica da existência dos dois para todo o sempre. Assim, a sombra existe porque projetamos luz e não podemos negá-la com a simples afirmação de que a sombra é a ausência de luz. Mesmo porque a negação leva ao não confronto e, com isto fugimos do confronto com a nossa sombra e com a sombra do mundo.

"Uma vez que o mal não tem fim neste mundo e que ele é a contrapartida indispensável da antítese bem-mal, seria limitação arbitrária do conceito de Deus supor que ele é somente bom e, assim, negar ao mal sua existência real. Se Deus é exclusivamente bom, então tudo é bom. Não há sombra em parte alguma. O próprio mal não existiria. O ser humano seria bom e não poderia fazer nada de mal. Isto é outro paradoxo que a psicologia deve explicar para o nosso bem, porque os flagrantes sofismas conectados à discussão de coisas como a *privatio boni* prejudicam a compreensão e a aceitação das doutrinas religiosas." (JUNG, 2003, p. 229).

Em entrevista à rede BBC, para o programa de John Freeman 'Face a Face', em março de 1959, desenrolada em sua casa em Küsnacht, a Jung foi perguntado: "E agora, ainda acredita em Deus". Sua resposta "*Eu sei*. Não necessito crer, porque sei." (JUNG, 1982, p. 375), ficou famosa, e choveram cartas para maiores esclarecimentos sobre o tema. A carta de Leonard é

uma delas, mas na resposta, Jung não explica se o Deus Uno conteria a dualidade, como o faz em outras cartas. Coloca no ser humano a decisão sobre o bem e o mal por ser ela uma experiência vivida. Fica para os humanos a avaliação moral dos fatos e colocar o bem e o mal conforme seu sentimento em relação aos acontecimentos. Isto ocorre com o ser humano permanecendo com sua visão dualista e distante da divindade transcendental e inatingível. O uso da palavra hipóstase por Jung parece ser no sentido de: "equívoco cognitivo que se caracteriza pela atribuição de existência concreta e objetiva (existência substancial) a uma realidade fictícia, abstrata ou meramente restrita à incorporalidade do pensamento humano" (Houaiss, 2002).

"Contudo, consideraria intelectualmente imoral admitir que minha concepção de Deus fosse igual à do Ser universal e metafísico das confissões ou 'filosofias'. Não cometi a impertinência de uma *hipóstase* e não me atrevi a uma qualificação arrogante como: 'Deus só pode ser bom'. Só minha experiência pode ser boa ou má, mas sei que a vontade superior se baseia num fundamento que transcende a imaginação humana." (JUNG, 2003, p. 235).

Jung responde a uma carta de E. Rolfe e comenta o recente livro do religioso intitulado "The Intelligent Agnostic's Introduction to Christianity"¹⁶, que considera inocente demais. Para reforçar que as colocações de Rolfe são 'coloridas' ao extremo afirma no parágrafo abaixo, que é uma transparência ilusória a alegação do *privatio boni*.

"Mas aqui começa de novo a história nefasta do mundo com a terrificante questão da escuridão não redimida, que ele não compreende. O sofisma da *privatio boni* é por demais diáfano." (JUNG, 2003, p. 304).

Mais uma vez, fica em destaque a totalidade divina, o Uno como todo poderoso e senhor de todas as coisas. Jung faz uma pergunta a Santo Agostinho que, logicamente não pode ser respondida, mas deixa um sabor de como seria um diálogo entre os dois grandes pensadores. Na mesma carta Jung aborda um princípio que admite um mal menor para evitar um mal maior, e julga a punição da sociedade como um desses males menores que servem para controlar um mal maior e catastrófico. O importante é destacar nesta carta de 1960, pouco antes da sua morte e com a idade de 85 anos, que ele aborda o mal como inevitável e necessário. Se ocorrer a fusão do bem com o mal não vai haver mais uma sociedade humana para discutir o tema.

"Sto. Tomás recorre, como é seu costume, a uma *petitio principii*. Gostaria de perguntar a Agostinho: Se Deus é tão poderoso e bom, que pode tirar o bem do mal, donde ele tira o mal?"

¹⁶ Uma introdução agnóstica inteligente ao cristianismo.

[...]

"Até mesmo os veneráveis Padres da Igreja devem concordar que o mal não é apenas inevitável, mas inclusive necessário, para prevenir mal maior. A abordagem moderna dessa questão receberia o seu aplauso. Não há uma linha divisória clara entre prostituição e crime. Aquela é um mal como este, e por isso são necessários em certo sentido; pois uma sociedade sem crimes iria esfrangalhar-se em pouco tempo."

"A nossa justiça criminal está sobre pés fracos neste sentido, porque combate por um lado o que é uma necessidade social por outro. É compreensível que tal dilema dê motivos a acrobacias silogísticas, tanto jurídicas quanto eclesiásticas. A punição também é um mal e uma transgressão semelhante à do crime. Trata-se simplesmente de crime da sociedade contra o crime do indivíduo. E também este mal é inevitável e necessário." (JUNG, 2003, p. 307).

Nesta última carta, o destinatário é o famoso Sr. Wilson conhecido por ser um dos fundadores da associação dos AA (Alcoólicos Anônimos), no ano de 1934. Jung responde uma missiva do senhor Wilson que agradece o tratamento feito por Jung no senhor Roland H., em 1931 e, principalmente, a sinceridade de ter-lhe dito, na época, que sua recidiva do alcoolismo só poderia ser tratada se o mesmo reconhecesse e lidasse com a divindade, tanto externa, como internamente. Roland teve um encontro com o numinoso e tinha um amigo que obteve o mesmo sucesso frente ao problema do alcoolismo, de onde surgiu a idéia para fundar a associação. No trecho colocado abaixo Jung fala da necessidade da atitude religiosa para poder-se enfrentar os demônios pessoais, quer sejam ele o álcool, o jogo, as drogas, o trabalho ou qualquer outro vício que persiga o homem.

"Estou fortemente convencido de que o princípio do mal que prevalece neste mundo leva a necessidade espiritual não reconhecida à perdição, se não contar com a contra-reação de uma atitude verdadeiramente religiosa ou com a parede protetora da comunidade humana. Uma pessoa comum, não protegida por uma ação do alto e isolada da sociedade, não pode resistir ao poder do mal, que é chamado apropriadamente de demônio¹⁷." (JUNG, 2003, p. 316).

¹⁷ Demônio vem do grego δαίμονας que tem o sentido de divindade protetora das famílias.

5 UM ÚNICO ARTIGO EM DUPLICATA

Jung escreveu um único artigo que leva o título 'o bem e o mal', que chamou-se "O bem e o mal na psicologia analítica", em que aborda o problema de maneira específica. Ele foi elaborado por Gebhard Frei com base nas notas escritas e editado no *Gut und Böse in der Psychotherapie, ein Tagungsbericht*¹⁸, Stuttgart, 1959, por Wilhelm Bitter que assim escreveu no prefácio:

"De todos os participantes, muito apreciadas foram sobretudo as extensas explanações do professor Jung que ia falando livremente como reação espontânea ao relatório do professor Seifert e às perguntas dos participantes." (JUNG, 1993, p. 182n).

Para o bem da verdade, não era um artigo originalmente e, sim, uma participação no grupo "Arzt und Seelsorger"¹⁹ de Stuttgart, logo após a palestra do professor Seifert que discursou sobre a sombra. Este congresso ocorreu em Zurique, no outono de 1958 e Jung estava, então, com 83 anos.

Um fato a ser destacado é a repetição, sem uma explicação aparente²⁰, deste artigo nas obras completas. Ele está no volume X e no volume XI. Para os que possuem a obra de Jung em brochura ele saiu num apêndice ao volume XI, intitulado 'Escritos diversos' e sem numeração.

Jung fez uma ampla explanação sobre 'o bem e o mal' e levou o assunto para a prática da psicoterapia e para uma avaliação empírica do problema. Aliás, Jung não fez outra coisa em sua vida além de avaliar os fatos empiricamente e olhar a vida e os outros saberes humanos pelo viés da psicologia.

"Quero expressar aqui meus sinceros agradecimentos ao Senhor Professor Seifert pelo que disse de modo tão completo sobre o problema da sombra no homem. Se devo acrescentar ainda alguma coisa, a seu pedido, será a respeito do *aspecto puramente empírico do bem e do mal*, ou seja, dando-lhe o tratamento concreto que se espera de um terapeuta." (JUNG, 2003a, p. 112).

Jung pauta a sua fala com a observação pertinente de que os humanos, com um ego limitado e com a alma aprisionada num corpo, só podem lidar com o mundo pelos sentidos e o que não compreendem não devem deixar que se tornem problemas para o caminhar evolutivo. De certa maneira assim postulou seu conceito de arquétipo, o qual não tem início

¹⁸ Bom e mau na psicoterapia, uma anotação de congresso.

¹⁹ Médico e psicoterapeuta.

²⁰ A Editora Vozes foi contatada por e-mail mas não deu resposta.

nem fim e o ser humano só consegue vislumbrar as 'imagens arquetípicas' que de vez em quando chegam até ele.

"Se quisermos entender-nos a respeito de uma questão complexa como a do bem e do mal, é preciso partirmos do seguinte: o bem e o mal são princípios em si, e é preciso ter presente que *um principio existe muito antes de nós e se estende muito além de nós.*" (JUNG, 2003a, p. 113).

Mais adiante, Jung abordou o tema da ética humana que sempre lhe foi muito caro. Coloca claramente o bem e o mal como aspectos de Deus e, portanto, inalcançáveis para o ser humano, que só pode lidar com eles quando chegam através de imagens arquetípicas e carregadas em seu íntimo pela força da ética.

"Os 'principia', em última análise, são aspectos de Deus. O bem e o mal são 'principia' de nosso julgamento ético, mas vistos redutivamente, em sua última raiz ôntica, são 'começos', aspectos de Deus, nomes divinos." (JUNG, 2003a, p. 115).

Jung aproveitou o tema do professor Friedrich Seifert e lembrou o conflito com a sombra. Ressaltou, então, que nela se abrigam não apenas coisas ruins mas, também, muitas coisas boas que o homem desconhece e que foram reprimidas no seu passado. Toda vez que ele lida com algo desconhecido está, na verdade, indo para um pólo ao qual não ia antes ou nem conhecia e, ao tomar conhecimento desta dualidade tem a condição de navegar entre os opostos sem ficar paralisado em nenhum dos dois e sim flutuando de um para o outro conforme a ocasião assim o peça ou solicite.

"Colocar uma pessoa frente à frente com sua sombra implica também mostrar-lhe seu lado luminoso. Depois que tivermos experimentado isto algumas vezes, quando nos acharmos na contingência de julgar *entre* os opostos, sentiremos inevitavelmente o que se entende pelo *si-mesmo* de si próprio. Quem tem a percepção, ao mesmo tempo, de sua sombra e de sua luz, contempla-se a si mesmo de dois lados e, com isto, *ocupa o centro.*" (JUNG, 2003a, p. 119).

Já no final da exposição de Jung, no encontro de Zurique, foi aberto um espaço para perguntas e uma delas versava sobre o diabo em nosso tempo. Jung aproveitou a sua vivência nas duas grandes guerras, com direito as bombas de Hiroshima e Nagasaki e no momento da guerra fria que envolvia os EUA com a União Soviética e respondeu:

"O diabo de nossos tempos é algo de verdadeiramente terrível! Se nos empenharmos numa visão geral da situação de hoje, não podemos prever o que poderá acontecer. O progresso continuará com sua marcha inevitável. Todas as forças divinas da criação serão pouco a pouco colocadas nas mãos do homem. Com a fissão nuclear produziu-se algo de colossal, monstruoso, que foi entregue ao poder do homem. Quando Oppenheimer presenciou o primeiro teste atômico, lembrou-se das palavras do Bhagavadgîtâ: '... mais claro do que mil sóis'. As forças que mantêm o mundo unido e coeso ficarão nas mãos do homem: este chega

até mesmo a pensar em um sol artificial. Forças divinas caíram em nossas mãos, em nossas frágeis mãos humanas. É impossível imaginar o que isto representa. Trata-se de potências que, em si, não são boas nem más. Mas nas mãos do homem convertem-se num perigo terrível, nas mãos do homem mau. E como pretender que o mal não seja uma realidade, no mundo que podemos experimentar a qualquer momento, num mundo que está aí, real, em primeiro plano, palpável, diante de nossos olhos? O mal é uma realidade terrível! E ele o é em cada vida individual. Se alguém acha que o *princípio* do mal é real, pode também chamá-lo de diabo. Pessoalmente, tenho dificuldade em considerar a idéia da 'privatio boni' [privação de um bem] ainda como válida." (JUNG, 2003a, p. 122).

Introduz-se, aqui, uma idéia correlata de Eudoro de Sousa que ficou expressa no seu livro "Mitologia", ao dedicar um capítulo para comparar o simbólico ao diabólico. O trecho abaixo é bem esclarecedor:

"Mas no que consiste a 'tentação diabólica' e a 'venda da alma ao Diabo'? Já dissemos que ele não hesitaria em gastar o seu último centavo, para pagar a transferência da sua responsabilidade para os homens, de maneira que o seu mais hábil ardil fosse o insinuar em nós a convicção da sua inexistência. Mas, a despeito de todas as aparências, persisto em crer na sua existência e na acção deletéria que ele exerce sobre nós." (SOUZA, 1984, p. 105).

Diabo vem do grego *diabolein* (*διαβολου*) e é a junção do prefixo 'dia' com o verbo *ballein*, o mesmo que aparece em símbolo que vem do grego *synballein* (*συμβολον*) e é a junção do prefixo *syn* com o mesmo verbo *ballein*. De um modo geral, e o próprio Eudoro afirma isso, "diabólico tem por étimo o verbo grego *diabállein* que, entre outros, tem o significado de separar, de modo que diabólico quereria dizer qualidade inerente ao separado" (SOUZA, 1984, p. 105).

Mas, ao olhar para outras palavras da língua portuguesa que contêm o prefixo 'dia', tais como diabete, diapedese, diáspora, diálogo, dialética, diáfano, diafragma, diálise, além de outras, se vê que o prefixo 'dia' é empregado também como 'através de', 'passar por'. Portanto, retomando o vocábulo *diabollum*, fica mais coerente interpretar sua etimologia como 'passar por entre duas metades', 'passar pelos opostos', 'passar pela dualidade'. Pode-se ver o diabo como uma dualidade de Deus como algo que constrói, como uma cola que passamos nas duas partes de um vaso que se quebrou. Se observar a teoria dos antigos gnósticos o ser diabólico, ou o lado diabólico do ser superior era quem criava, como o famoso arconte *Iadalbaoh* dos mesmos gnósticos.

Não seria conveniente, então, olhar para o diabo, para o mal, com olhos mais complacentes? Não poderia ser a destruição construtiva e a construção destruidora? Aqui pede-se ajuda ao Alcorão na sua Surata número 18 onde se encontra a história de Moises e Khidr ou Chadir (ALCORÃO, 2000, Surata Al Cahf). Jung (2000, p. 138 a 150) também cita

esta história, assim como sua discípula von Franz (1996, p. 175). Khidr, que significa 'o verde' ou 'o esverdeado', faz uma série de atos que de início parecem maus, mas que depois de explicados, comprova-se que foram todos para o bem. Portanto não seria tanta ousadia afirmar que o mal, o Diabo, o diabólico é na verdade um componente junto com o bem, Deus ou a divindade, de uma parêntese de opostos e, portanto, pode atuar como uma função transcendente. Por outro lado pode-se considerar o Diabo como um símbolo, principalmente se considerado como parte do divino, desde que o divino seja elevado a categoria de Uno, o Indivisível. Nesta condição o divino comporta-se como o inefável e as suas polaridades tornam-se inexistentes; e o diabólico poderia atuar como uma ponte entre o consciente e o inconsciente realizando assim, uma função transcendente.

Mais uma vez encontra-se Jung reforçando seu posicionamento empírico e deixando para quem de direito o estudo da metafísica. A divindade quando se dá a conhecer ao ser humano vem com a força do que foi denominado 'numinoso', que não é nem bom, nem mau, simplesmente é um arquétipo se manifestando no seu esplendor. Portanto cada indivíduo irá defrontar-se com o problema a sua maneira e as soluções serão sempre muito pessoais e portanto, subjetivas..

"Digo isto para ilustrar minha atitude prática. Não acho que minha missão seja discutir filosoficamente este problema. Para mim trata-se de coisas práticas. É verdade que às vezes me interessa pelo aspecto filosófico, mas não é aí que está a importância da questão. A realidade do bem e do mal consiste em fatos, em situações que acometem o indivíduo, que o dominam, que o afogam, e nas quais ele se acha como que 'in conspectu mortis', onde é questão de vida ou morte. Chamo de numinoso aquilo que me assalta com tanta força e intensidade, qualquer que seja o nome que eu lhe dê: divino, diabólico ou determinado pelo destino. Existe aí em ação algo de mais forte, de insuperável, e com isso nos defrontamos. A dificuldade consiste em que nos habituamos a pensar tais problemas, até que tudo pareça tão claro quanto 'dois e dois são quatro'. Mas, na prática, isto não é possível; nunca chegamos a uma solução de princípio, que seja universalmente válida. É erro querer tal coisa." (JUNG, 2003a, p. 118).

6 CONCLUSÃO

Pelo visto acima, após uma breve exposição da correspondência de Jung, pode-se concluir a grosso modo que ele não chegou a uma definição precisa sobre o bem e o mal. Jung rejeitou com veemência a "*privatio boni*" e o "*summum bonum*" que vinham desde o século IV orientando os cristãos e até hoje é a doutrina da igreja, talvez por falta de opção melhor. Jung não apresentou uma resposta definitiva de como lidar com o bem e o mal, mas deixou claro que devemos aceitar os dois opostos e lidar com eles da melhor maneira possível. Uma conclusão contundente pode-se tirar já de suas primeiras cartas: bem e mal vão permanecer juntos até o final dos tempos, pelo simples fato de serem um dos pares de opostos que compõem um arquétipo.

Mas, para uma apresentação mais didática e também para facilitar os futuros estudos sobre o assunto, prefere-se colocar algumas afirmações mais importantes de Jung em uma listagem. Contudo, ressalta-se que o conteúdo abaixo já está em sua correspondência, só que de uma maneira difusa, e de certa forma misturada com outros assuntos não menos importantes, mas que não fazem parte deste 'recorte'. Portanto pode-se afirmar que direta ou indiretamente Jung afirmou:

- 01 - "Acho necessário primeiro o desenvolvimento pessoal para, em seguida, tentar um conhecimento dos opostos bem e mal."
- 02 - "Para se chegar ao si-mesmo tem que se passar antes pelo bem e mal, pelo eu e pela sombra."
- 03 - "O bem e o mal estão também presentes no ser humano, onde o bem é tão relativo como o mal."
- 04 - "As guerras foram para mim uma comprovação da existência do mal absoluto em todo seu esplendor."
- 05 - "Considero que Deus e o si-mesmo são indistinguíveis."
- 06 - "Alerto para não confundir Deus com um ser."
- 07 - "Deus, assim como o si-mesmo, são arquétipos e possuem o bem e o mal dentro de si mesmo. Eles não são nem bons nem maus e, sim, transcendentais."
- 08 - "Sempre vi o problema do bem e do mal com um olhar psicológico e uma observação empírica."
- 09 - "Sobre o mal em si não sei muita coisa ou quase nada."

10 - "Nunca aceitei a teoria da *privatio boni*, pois ela é moralmente perigosa à medida que diminui o mal e o relativiza, assim como anula o Deus ambivalente judeu."

11 - "Também sou contra a teoria do *summum bonum*, porque Deus construiu tudo, tudo deve fazer parte dele, inclusive o mal."

12 - "O pecado, assim como o sarcasmo, é a necessidade do ser humano de ir contra a divindade para com isto ter a chance de compreendê-la através da problemática dos opostos."

13 - "Reconheço o demônio como uma realidade psíquica."

14 - "O objetivo de Deus é o ser humano."

15 - "A possibilidade de se fazer ou de se ser é tão real quanto o fazer e o ser."

16 - "Os opostos não são feitos para serem fundidos, mas sim aproximados, precisam estar unidos o que normalmente ocorre pelo símbolo."

17 - "Nunca vamos entender a divindade inteiramente, pois estaremos sempre observando com o ego e suas limitações."

18 - "É mais fácil praticar o bem do que o mal."

19 - "O ser humano sempre vai praticar o bem e o mal."

20 - "O bem e o mal nunca vão acabar, talvez a nossa consciência disso impeça que a vida no planeta acabe."

21 - "A atitude de escolher o bem em relação ao mal é uma atitude puramente cristã."

22 - "O ser humano tem o poder de destruição em suas mãos e nega Deus para se deificar. Aí está o perigo que pode levar a destruição total, pela anulação do bem e do mal."

23 - "A alquimia trouxe uma solução para o problema do bem e do mal com o simbolismo da pedra ou da *lapis*."

24 - "A proteção contra o mal é a verdadeira religiosidade e o contato interativo com a sociedade."

Pareceu ao autor, embora tenha sido falado sobre o assunto, que a distinção que Jung fazia do 'mal mito-arquetípico' e do 'mal histórico' não foi devidamente explicada. A preocupação com este ponto deve-se ao fato de verificar-se muita confusão dos leitores de Jung, principalmente os iniciantes. Jung referia-se ao mal arquetípico como aquele presente na divindade única ou no arquétipo e conseqüentemente, ao que existe dentro de cada ser humano, fazendo parte do núcleo dos complexos. É claro que o ser humano não é o arquétipo, mas está ligado a ele de alguma maneira.

Para o mal histórico Jung entendia a projeção da maldade que cada ser humano fez, faz e fará ao longo da história e que é visto e documentado com fartura nas guerras que permearam

a história da humanidade e principalmente as do século XX, que ficaram tão bem documentadas. Na realidade o mal é sempre arquetípico para Jung, pois ele nunca declarou que o Diabo (ou o Demônio) era uma entidade palpável e real. O que faz a grande diferença é a projeção, que como foi visto, é sempre inconsciente e quando torna-se coletiva é ainda mais devastadora. Na realidade um arquétipo não projeta em cima do tempo e do espaço, do vazio, ele sempre se projeta no ser humano, quer em um ou em vários ao mesmo tempo. Cabe ao ser humano partir ou não, para a ação má como que possuído ou direcionado pelo arquétipo. Como para o arquétipo não existe a noção de bom ou mau, teoricamente todo arquétipo pode projetar o mal, assim como o bem.

No fundo o mal (e o bem) é um só e pode ser visto de vários ângulos. Pertence ao mundo do inconsciente e o ser humano o trás para a sua realidade tornando-o subjetivo. Mas não existe outra alternativa... O homem ao lidar com o inconsciente torna-o consciente e é seu ego que administra a tarefa, se não for, se está diante de uma psicose.

O tema da Trindade aparece nas cartas de Jung bem antes do assunto bem e mal, mas não é tema do trabalho em questão. Por outro lado é de importância tocar no tema da Trindade devido a sua correlação entre o 'três' e o 'quatro' e a sombra. A Trindade foi crucial na obra de Jung e ele resolveu abordar o problema numa palestra do encontro Eranos de 1940. Jung via a Trindade cristã como uma continuação da trindade pagã ou pré-cristã, como por exemplo a babilônica, a egípcia e a grega. Este assunto compõe o primeiro capítulo do seu artigo "A interpretação psicológica do dogma da Trindade". Jung não nega a força arquetípica do 'três', mas afirma que o arquétipo da totalidade está no 'quatro'. Usando o livro Timeu de Platão como exemplo indaga onde foi parar o quatro. Depois de muitas considerações históricas e uma imensa variedade de exemplos, uma característica dos escritos de Jung, ele coloca a sombra como este 'quarto elemento' em falta na Trindade. Esta negação do mal ou seu esvaziamento leva também a uma contraparte no bem e, ainda vem causando graves problemas para a humanidade principalmente quando é projetada coletivamente.

Quando se percebe o mal e o bem como opostos de uma dualidade na trilha a percorrer sem culpa, aparece a grande indagação, deve-se ficar mais no mal ou mais no bem? Qualquer um responderia rápido e facilmente que se deve trilhar o bem e deixar o mal de lado, mas sabe-se que isto só vai fazer o mal crescer em nós e nos outros de maneira projetada.

Mas como fazer então? Ser mau ou bom? Ser igualmente bom e mau? Conscientizar o mal e assim não precisar fazê-lo no cotidiano de cada um? Como deve se comportar um ser humano na vida prática frente a este problema secular?

Fica difícil entender e absorver que o bem e o mal são semelhantes e devem estar equilibrados. Mas aí aparece uma outra questão: será que se precisa fazer objetivamente 'alguma coisa' para que ela faça parte da psique, ou então, será que ao admitir conscientemente essa 'alguma coisa' já não se teria incorporado-a e com isto cessaria a necessidade de realizá-la no chamado plano concreto?

Pegando um caso real. Um indivíduo dito normal, educado nas leis, seguidor de uma religião e observador das normas sociais, casa-se. É lógico e inerente que deve fazer o bem e no matrimônio uma forma dele se expressar é a fidelidade. Se com o passar dos anos ele fica convicto de que não trai e afasta a possibilidade de 'pular a cerca' com a força do ego, sabe-se pela lei enantiodrômica da psicologia profunda que numa 'bela tarde primaveril' vai dar-se conta do fado, num quarto de motel da periferia de sua cidade.

Mas se ao invés deste tipo de indivíduo ele fosse um ser humano não tão correto, sem o viés da religião e achando que moralmente não precisa se reprimir na fidelidade. No quadro final teríamos dois sujeitos que traíram a esposa, dois sujeitos que praticaram o mal segundo as leis religiosas e morais e pode-se dizer que o mal é inevitável.

Mas pode-se imaginar um terceiro caso, um indivíduo analisado e que sabe que dentro dele existe o bem e o mal e que ele pode tanto agir pelo bem quanto pelo mal e que ao admitir esta polaridade, já não tem a necessidade de fazê-lo, porque já o fez psiquicamente. Não ocorreria então a traição na vida dita real.

Mas - fazendo o papel de '*advogado do diabo*', bem no tema do mal - se ele pode fazer isto pelo lado do bem concreto e abandonando o mal pela conscientização, porque não faz o contrário, fica realizando o mal e imagina que poderia fazer o bem e não o faz?

Tem-se de admitir que para manter o equilíbrio na natureza é preciso que ocorram as duas coisas dentro de cada um de nós, o bem e o mal. Já é difícil de admitir que se deve reconhecer o mal dentro de cada um, imagine fazer o bem e o mal alternadamente.

Jung discutiu com Neumann a respeito da ética e, foi visto que ela é um arquétipo a nossa disposição. Mas, se a divindade colocou a ética dentro do ser humano, e ela é responsável para que ele caminhe para a consecução do bem, então a divindade é boa na sua essência. Por outro lado, o mal vai sempre existir e já foi visto que está também dentro da divindade. A ética é também do mal e, portanto é má e vai levar o homem para a maldade. Como então a força da ética puxa o homem para a direção do bem? Acontece que poucos homens atualmente usam sua ética intrínseca e adormecida. A humanidade encontra-se em um equilíbrio que pode ser rompido a qualquer momento, e levar a extinção da vida humana, quiçá

de toda vida. Será esta a pretensão dos deuses, ou seja, será que o último dilúvio já ocorreu e agora se espera a destruição pelo fogo, como querem os apologéticos do apocalipse? Será que seremos extintos para dar lugar a uma raça de super-homens e o nosso fim será semelhante à ação de um fazendeiro que joga água com cal na boca do formigueiro? Nunca será dado ao homem este conhecimento e resta a ele buscar a consciência numa luta com princípio, mas sem fim.

Pode-se usar uma gangorra para uma metáfora do problema. Olhando-se um parque de diversões se vê crianças nas gangorras a alternar em cima e embaixo com bastante frequência e até violência. Em alguns casos meninos usam seu peso para manter as meninas na parte mais alta e assustá-las. Não é comum encontrar dois meninos tentando se equilibrar na mesma altura do chão com pequenos movimentos compensatórios. Mas pode ocorrer! E se houver uma tentativa de diminuir o mal, mas também de diminuir o bem. Muitos não vão concordar com tal afirmativa, mas não pode-se esquecer que os dois são relativos, subjetivos e que muitas das vezes estamos convictos de fazer o bem e estamos fazendo o mal. No Novo Testamento, na Epístola aos Romanos 7,19, está a famosa frase atribuída a Paulo: "Não faço o bem que eu quero, mas pratico o mal que não quero", Bíblia (1995, p. 2131). Com isto vê-se que os opostos moram nos corações humanos e a eles é dado o direito de escolha, ou melhor, do uso dos dois em tentativa de equilíbrio. Este equilíbrio não acontece, pois o homem só tenta ser bom - pelo menos na teoria -, como que ignorando o mal. A transcendência é a mobilidade entre os opostos, sejam eles conscientes ou inconscientes, bem e mal, preto ou branco. Para tentar-se caminhar no 'processo de individuação' deve-se buscar esta totalidade que está no domínio dos opostos sem ressaltar nenhum dos dois, sem se importar com nenhum dos dois, sem se envolver emocionalmente com nenhum dos dois. A tendência para um dos pólos não é inata no ser humano, crendo nisso não deve-se acreditar que o homem tem a tendência de ser bom, assim como não tem tendência a ser mau. Se ele insistir em ir para um dos opostos em detrimento do outro deve encontrar a angústia, a ansiedade, o desarmonico, a neurose e até a psicose.

Quando ocorre a unilateralidade, o inconsciente vai projetar em outra pessoa ou objeto aquilo que é rechaçado ou ignorado pelo indivíduo. A execução de uma maldade destaca o seu oposto a bondade, assim como 'muito bem' pode provocar seu oposto, 'muito mal'. A partir daí depois de entender que o ser humano tem os opostos em si, que tem sombra, que fraqueja nas horas indevidas, aí então deve-se procurar o perdão para tentar conseguir um pouco de tranquilidade. Entenda-se como perdão a restauração do equilíbrio entre os opostos,

ou seja, o uso simbólico do transcendente. Como o mal é arquetípico o homem não pode deparar com o mal absoluto. Tem-se no seu lugar o mitologema e suas projeções. O mal existe pelo medo do desconhecido e suas limitações.

Praticar o mal para provar que o conhece, não é necessário. Aceitá-lo e admitir que está em cada homem já é um bom começo, assim como saber que está integrado em tudo que acontece no mundo e não deve furtar de sua conseqüência, sem com isto aceitar a culpa total do pecado original. O autor acredita que a busca pela consciência e sua conquista constante é uma das melhores saídas para lidar com um problema, que não está ao alcance do homem, mas que está integrado nele por toda a eternidade. A consciência nunca resolveu nada, mas deixa o homem sabedor e tranqüilo de que não está neste mundo para resolvê-lo e sim para vivê-lo e caminhar o seu próprio caminho.

Veza por outra algum jornal local coloca um assassinato revoltante na mídia do país inteiro e começa um bombardeio de acusações para saber de quem é a culpa. Se lê as colocações mais variadas possíveis. Nos jornais chovem editoriais com artigos buscando os culpados pela tragédia. Alguns dizem que foi a Polícia Militar que não possuía um policiamento ostensivo capaz de inibir atos como este. Mas precisa-se lembrar a capacidade operacional das 'PM', que trabalham em turnos exaustivos limpando o lixo que a sociedade produz e colocando num saco furado. A maioria dos noticiários culpa a parte mais óbvia que são os jovens assaltantes, que na realidade fecharam a cortina do último ato, num espasmo muscular que ao comprimir aquela vírgula de metal, transformou para sempre a vida daquela família. Outros com um raciocínio mais complexo preferem usar a própria vítima alegando que ela não devia estar ali naquela hora e tampouco ter parado para conversar naquele lugar. Vale a pena lembrar que o cidadão trabalhador e cumpridor do seu dever, não sai para o lazer contando com um latrocínio na sua família. Outros mais elaborados vão direto na parte vulnerável da sociedade, principalmente na atual. Atacam os políticos, vão desde o prefeito e vereadores, passando pelo governador e chegam até o presidente, quiçá culpam os irmãos mais agressivos do Oriente Médio que dão a impressão que nem sabe porque estão brigando.

Todo esse quadro fóbico-ansioso leva as lembranças do autor para o seu querido avô, que falava pouco, mas tinha sempre uma frase pronta para cada ocasião. Quase que dá para ouvir ele dizendo, entre os cavacos de madeira, no seu velho barracão: “Casa que tem pouco pão, todo mundo grita e ninguém tem razão”. Como ele procura seguir sempre o conselho sábio do avô, vai procurar a essência da possível razão para as coisas. Geralmente vasculha o passado histórico e quase sempre na velha Bíblia encontra uma resposta. Vem então à mente a

comovente historia de Jó, aquela que muitos falam, mas poucos entendem. Ela mexe com os opostos e lembra de ajustar as polaridades, principalmente quando os opostos são Deus e o Diabo ou talvez de uma maneira mais teológica o Bem e o Mal.

Acredita-se que uma das grandes verdades da fábula bíblica é mostrar um Deus que não é bom nem mal, possuindo as duas características e não assumindo nenhuma delas. Quando ele manda uma chuva forte, ela é boa para as plantas e para os passarinhos e má para quem está indo para uma festa numa bela roupa, ou derrapa com o carro no chão enlameado. É duro, mas o raio tanto cai na cabeça do inocente, como no pior facínora. Um tiro mata a esposa e também o bandido.

Não se tem a resposta mágica para agradar a todos - além do que seria suspeito uma panacéia neste momento -, no máximo indicar humildemente um tortuoso caminho ascendente e no final cheio de portas. Pode-se sugerir o caminho do desapego, porque se sabe que só se perde aquilo que se julga possuir. Pode-se sugerir que um terço do mundo cuide de duas crianças e o mundo inteiro estaria salvo. Pode-se sugerir que num efeito cascata cada um retirasse 1% de seu ordenado e realmente entregasse na mão de uma pessoa mais necessitada que ele. Não salva o mundo, mas é um bom começo. Mas o autor não está aqui para sugestões.

A vida não é aquela que herdamos, não importa o que fomos e sim o que vivemos e modificamos até o final da nossa existência, ou seja, devemos nos transformar constantemente. Pode-se até intuir que a morte corporal é ainda uma das muitas transformações.

7 REFERÊNCIAS

1. ALCORÃO. Português. **Revista do Cd-rom número 63 - Os livros Sagrados**. São Paulo: Europa, 2000.
2. BENNET, Edward A. **O que Jung disse realmente**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.
3. BÌBLIA. Português. **A Bíblia de Jerusalém**. École Biblique de Jérusalem. São Paulo: Paulus, 1995.
4. CANUTTI, Wanda A. **O bem e o mal**. Capivari: Eme, 2005.
5. CHAMPLIN, Russell N. **Enciclopédia de Bíblia, teologia e filosofia**. São Paulo: Hagnos, 2001.
6. CLARKE, J. J. **Em busca de Jung – Indagações históricas e filosóficas**. Rio de Janeiro: Ediouro, 1993.
7. CORBIN, Henry. **El tiempo de Eranos. Anthropos. El círculo de Eranos**. Barcelona: n. 153, p. 28-40, febrero, 1994.
8. COUSTÉ, Alberto. **Biografia do Diabo**. 2. ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1997.
9. EDINGER, Edward F. **Ego e arquétipo: uma síntese fascinante dos conceitos psicológicos fundamentais de Jung**. 2. ed. São Paulo: Cultrix, 1992.
10. EVANS, Gillian R. **Agostinho sobre o mal**. São Paulo: Paulus, 1995.
11. GRINBERG, Luiz P. **Jung – O homem criativo**. São Paulo: FTD, 1997.
12. HALL, James A. **A experiência junguiana - Análise e individuação**. 2. ed. São Paulo: Cultrix, 1988.
13. HANNAH, Barbara. **Jung - vida e obra: uma memória biográfica**. Porto Alegre: Artmed, 2003.
14. HARK, Helmut (Org.). **Léxico dos conceitos junguianos fundamentais - A partir dos originais de C. G. Jung**. São Paulo: Loyola, 2000.
15. HOUAISS, Antônio. **Dicionário eletrônico da língua portuguesa**. versão 1.0.5a. São Paulo: Objetiva, 2002.
16. ISKANDAR, Jamil I. **Normas da ABNT comentadas para trabalhos científicos**. 2. ed. Curitiba: Juruá, 2005.

17. JACOBI, Jolande. **Complexo arquétipo símbolo na psicologia de C. G. Jung**. São Paulo: Cultrix, 1986.
18. JAFFÉ, Aniela. **O mito do significado na obra de C. G. Jung**. São Paulo: Cultrix, 1989.
19. JUNG, Carl G. **Cartas – 1906-1945 – volume I**. Petrópolis: Vozes, 2001.
20. _____. **Cartas – 1946-1955 – volume II**. Petrópolis: Vozes, 2002.
21. _____. **Cartas – 1956-1961 – volume III**. Petrópolis: Vozes, 2003.
22. _____. **Memórias, sonhos, reflexões**. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1978.
23. _____. **C. G. Jung: entrevistas e encontros**. São Paulo: Cultrix, 1982.
24. _____. **Tipos psicológicos, Obras Completas, volume VI**. Petrópolis: Vozes, 1991.
25. _____. **A natureza da psique, Obras Completas, volume VIII/2**. Petrópolis: Vozes, 1984.
26. _____. **Os arquétipos e o inconsciente coletivo, Obras Completas, volume IX/2**. Petrópolis: Vozes, 2000.
27. _____. **Civilização em transição, Obras Completas, volume X/1**. Petrópolis: Vozes, 1993.
28. _____. **Psicologia e religião, Obras Completas, volume XI/1**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1984.
29. _____. **Interpretação psicológica do dogma da Trindade, Obras Completas, volume XI/2**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1983.
30. _____. **Ab-reação, análise dos sonhos, transferência, Obras Completas, volume XVI/2**. Petrópolis: Vozes, 1990.
31. _____. **A vida simbólica - escritos diversos, Obras Completas, volume XVIII/2**. Petrópolis: Vozes, 2000a.
32. _____. **Escritos diversos, Obras Completas, volume sem nº**. Petrópolis: Vozes, 2003a.
33. JUNG, Ema. **Animus e Anima**. São Paulo: Cultrix, 1991.
34. KAST, Verena. **A dinâmica dos símbolos**. São Paulo: Loyola, 1997.
35. LINK, Luther. **O diabo: a máscara sem rosto**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

36. MARONI, Amn eris. **Figuras da imagina o – Buscando compreender a psique.** São Paulo: Summus, 2001.
37. MEIER, Carl A. **Wolfgang Pauli y Carl G. Jung - Un intercambio epistolar, 1932-1958.** Madrid: Alianza Editorial, 1996.
38. MOACANIN, Radmila. **A psicologia de Jung e o budismo tibetano.** 2. ed. São Paulo: Cultrix, 1995.
39. MURACHCO, Henrique G. **Algumas considera es sobre a  tica de Aristóteles. Hypnos, Ethos,  tica.** São Paulo: n. 03, p. 30-37, 1997.
40. ORTIZ-OS S, Andr s. El simbolismo y la escuela de Eranos. **Anthropos. El círculo de Eranos.** Barcelona: n. 153, p. 23-27, febrero, 1994.
41. PAGELS, Elaine. **As origens de Sat .** 2. ed. Rio de Janeiro: Ediouro, 1996.
42. PALMER, Michael. **Freud e Jung – Sobre a religião.** São Paulo: Loyola, 2001.
43. PIERI, Paolo F. **Dicionário junguiano.** São Paulo: Paulus, 2002.
44. PLATÃO. **Timeu e Críticas ou a Atlântida.** Curitiba: Hemus, 2002.
45. RÉGIO, José. **Poemas de Deus e do Diabo.** 10. ed. Porto: Brasília, 1984.
46. RICOEUR, Paul. **O mal.** Campinas: Papyrus, 1988.
47. ROBERTSON, Robin. **Guia prático de psicologia junguiana.** São Paulo: Cultrix, 1995.
48. RUSSEL, Jeffrey B. **Lúcifer: o diabo na Idade Média.** São Paulo: Madras, 2003.
49. SAIANI, Cláudio. **Jung e a educa o – Uma análise da rela o professor/aluno.** São Paulo: Escrituras, 2000.
50. SANFORD, John A. **Os parceiros invisíveis.** 5. ed., São Paulo: Paulus, 1987.
51. _____. **Mal, o lado sombrio da realidade.** São Paulo: Paulus, 1988.
52. STANFORD, Peter. **O Diabo: uma biografia.** Rio de Janeiro: Griphus, 2003.
53. SAMUELS, Andrew, SHORTER Bani e PLAUT Fred. **Dicionário crítico de análise junguiana.** Rio de Janeiro: Imago, 1988.
54. SANTOS, Cacilda C. dos. **Individua o junguiana.** São Paulo: Sarvier, 1976.
55. SAY S, José A. **O demônio, realidade ou mito?** Lisboa: Paulus, 1999.
56. SHARP, Daryl. **Léxico junguiano - Um manual de termos e conceitos.** São Paulo: Cultrix, 1993.

57. SIGNELL, Karen A. **A sabedoria dos sonhos**. São Paulo: Ágora, 1998.
58. SOARES, Afonso e VILHENA, Maria. **O mal como explicá-lo?** São Paulo: Paulus, 2003.
59. SOUZA, Eudoro de. **Mitologia**. Lisboa: Guimarães editores, 1984.
60. SOUZA, Paulo C. de. **Jung e a morte adiada**. Net, Curitiba: fev. 2006. Seção Artigos. Disponível em: <<http://www.symbolon.com.br/artigos/jungeamorte.htm>>. Acesso em: 19 fev. 2006.
61. STEINBERG, W. **Aspectos clínicos da terapia junguiana**. São Paulo: Cultrix, 1992.
62. STEIN, Murray. **Jung: O mapa da alma, uma introdução**. São Paulo: Cultrix, 2000.
63. THOMSON, Oliver. **A assustadora história da maldade**. São Paulo: Prestígio, 2002.
64. ULSON, Glauco. **O método junguiano**. São Paulo: Ática, 1988.
65. VON FRANZ, M. - L. **C. G. Jung – Seu mito em nossa época**. São Paulo: Cultrix, 1992.
66. _____. **O processo de individuação**. In: **O Homem e seus símbolos**. 14. imp. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1996, p. 158-229.
67. _____. **A sombra e o mal nos contos de fada**. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 1985.
68. _____. **Reflexos da alma – Projeção e recolhimento interior na psicologia de C. G. Jung**. São Paulo: Cultrix, 1992a.
69. WINCKEL, Erna van de. **Do inconsciente a Deus**. 2. ed. São Paulo: Paulus, 1985.
70. WHITMONT, Edward C. **A busca do símbolo - Conceitos básicos de psicologia analítica**. 2. ed. São Paulo: Cultrix, 1990.
71. WOLFF, Hanna. **Jesus psicoterapeuta**. 3. ed. São Paulo: Paulinas, 1990.
72. YOUNG-EISENDRATH, P. **Manual de Cambridge para estudos junguianos**. Porto Alegre: Artmed, 2002.